UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola

Allyson Carvalho de Araújo

Natal – RN
Setembro de 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Allyson Carvalho de Araújo

Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, linha de pesquisa "Estratégia de pensamento e produção do conhecimento", como requisito parcial para obtenção do título de mestre sob a orientação da Profª Karenine de Oliveira Porpino.

Natal – RN
Setembro de 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

A comissão abaixo-assinada aprova a dissertação intitulada

Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola

Elaborada por

Allyson Carvalho de Araújo

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Karenine de Oliveira Porpino (UFRN)

_____

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (UFPE)

_____

Profª. Drª. Terezinha Petrucia da Nóbrega (UFRN)

_____

Prof. Dr. José Pereira de Melo (UFRN) - Suplente

Natal, 01 de Setembro de 2006

Dedico este trabalho a minha família que soube compreender a dedicação que empenho em minha formação. Sem eles nenhuma das minhas ações teria o mesmo brilho. Este trabalho é por e para vocês, painho, mainha, Kinha, Dinho e Biel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força suprema que rege minha vida, energia vital que me possibilita o êxtase de existência, fonte de amor desmedido. Muito Obrigado.

A minha família. Pelos caminhos percorridos, pelos conselhos incansáveis, pelo apoio incondicional... Pela confiança no que faço, pelo carinho dispensado, pela convivência! Obrigado painho, mainha, Andinho, Nenê, Noinha Kinha e Biel. Sou espelho do amor que nos une.

Aos professores que contribuíram, direta e indiretamente, para a produção deste trabalho: Petrucia Nóbrega, José Pereira de Melo, Marta Pernambuco, Wani Fernandes, Larissa Tibúrcio, Ceiça Almeida, Jefferson Alves, Josimey Costa, Marta Genú e, principalmente, Karenine Porpino.

A esta última, minha querida orientadora, quero agradecer pela disponibilidade e carinho. Sempre quando lembro de nossa relação, recordo da descrição de como cativar, exposta por Antoine de Saint-Exupéry, em "O pequeno príncipe".

> ***Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...***

Hoje, sinto que fomos mutuamente cativados e construímos uma relação de companheirismo e respeito. Um obrigado mais que especial...

Reconhecimento de sua competência como profissional associada à doçura que lhe é peculiar. A você oferto minha eterna admiração.

Agradeço também aos amigos. Muitos deles, posso afirmar com tranqüilidade, cúmplices das linhas escritas neste trabalho. Agradeço aos amigos que trilharam comigo os caminhos acadêmicos até o momento e que comungam de um ideal de formação continuada; são eles: Augusto Ribeiro, Analwik Tatielle, João Carlos, Laise Padilha, Loreta Melo, Nayde Solange, Gilberto Costa, Mércia Estácio e Anna Paulla. Agradeço também aos amigos do cotidiano que escutaram tanto falar nessa tal dissertação. Estes não sabem o quanto contribuíram me escutando e compreendendo minhas ausências, me incentivando e, às vezes, me tirando do enclausuramento que a escrita acarreta... Dentre tantos, não poderia deixar de citar Michel Jairo, Rodrigo Paschoali, Estevão Lúcio, Abdon Soares e Paulo Dupas.

Agradeço ainda aos componentes do Núcleo de Formação Continuada para Professores de Arte e Educação Física – PAIDÉIA. Todos vocês, cada um de modo particular, fizeram parte de minha formação. Obrigado pelo aprendizado e pela convivência fraterna.

Agradeço também ao Grupo de Estudo Corpo e Cultura de Movimento – GEPEC, espaço privilegiado de crescimento acadêmico. Obrigado por toda a caminhada nestes seis anos de convivência.

Agradeço à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na pessoa da Profª. Márcia Gurgel.

Por fim, agradeço a oportunidade de trilhar este caminho de formação acadêmica e poder contribuir um pouco com idéias que se registram nesta dissertação.

RESUMO

O telespetáculo esportivo apresenta-se como um fenômeno midiático que evidencia performances e técnicas que extrapolam o comumente realizado nas práticas esportivas cotidianas em um misto de show e jogo que, cada vez mais, sensibiliza os telespectadores. Neste cenário é investigada a relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador a partir da perspectiva estética, discutindo o esporte no contexto da Educação Física com enfoque nas contribuições para o ensino na escola. A pesquisa, do ponto de vista metodológico, utiliza a análise do discurso e realiza um estudo qualitativo em dois momentos interdependentes. No primeiro, analisa o material coletado durante a realização do Mini-curso "Educação, esporte e televisão". No segundo, versa sobre imagens televisivas do telespetáculo esportivo para apreciação, o que subsidia a discussão dos elementos estéticos pertencentes a este fenômeno, procurando a relação estabelecida entre o telespectador e telespetáculo esportivo. A ênfase da análise reside na sensação desencadeada pelo telespetáculo esportivo, bem como na problematização dos elementos que promovem essa experiência estética, a partir de dois conceitos fundantes, a saber: a estesia e a percepção sinestésica. O *corpus* de análise é composto por transmissões do programa "Esporte Espetacular". Identifica, na apreciação do telespetáculo esportivo, quatro grandes eixos de discussão de grande relevância na compreensão da relação telespetáculo esportivo/telespectador: a relação entre o espaço e o tempo, o sentimento de pertencimento, o imbricamento de linguagens, e os modelos de beleza. Percebe na análise que, no cenário esportivo televisionado, ocorre uma construção imagética que seduz e envolve o telespectador por meio de elementos estéticos. A partir desses eixos de discussão reflete sobre o ensino do esporte em ambiente escolar, principalmente no que concerne a reificação de um modelo único de esporte. Aponta ainda desdobramentos sobre construção do espaço e tempo do evento esportivo e sobre a multiplicidade de linguagens para abordá-lo na escola. Posturas que não se propõem absolutas, mas que problematizam o esporte televisionado a partir da sedução gerada nos telespectadores por meio dos elementos estéticos veiculados.

Palavras-chave: Televisão. Esporte. Experiência Estética.

ABSTRACT

The sportive television spectacle shows up like a media phenomenon which evidence performances and techniques that further on the community realized in the quotidian sportive practices into a show and play mixer, that more and more, sensibility the viewers. In this scenery , this research is about the relation between sportive television spectacle and viewer by the aesthetics perspective, and discussed the sport in the Physical Education context with the focus in the contributions to teaching in the school. The research, to the methodological view, uses the discuss analysis and realizes a qualitative study in two interdependent moments. In the first, analysis the dada collated in the "Education, sport and television" workshop. In the second, turns about TV images of sportive television spectacle to appreciated, to support a discuss of these phenomenon's aesthetics elements, looking for the relation established between the sportive television spectacle and viewer. The analysis's emphasis is in the sensations by sportive television spectacle, as well in the aesthetic elements problems promoted by this experience, from the two basics concepts, to know: the aesthetic and the synaesthetic perception. The analysis's *corpus* is composed by "Esporte Espetacular" TV program. Identify, in the sportive television spectacle appreciation, four big discuss axis of great importance between sportive television spectacle and viewer understanding: the relation space and time, the belonging feeling, the language interlacing, and beauty models. Understand in the analysis that, in the sportive TV scenery, occurs a construction image that seduces and involves the viewer through the aesthetics elements. From that discuss axis reflect about teaching sport in the school, main concern to the materialization a sport model only. Aims unfolding about space and time construction yet, and about the multiplicity language for to work in the school. Positions that no absolute rules, but that check the TV sport by the seduction promoted in the viewers through the aesthetics elements transmit.

Key words: Television. Sport. Aesthetic Experience.

SUMÁRIO

Lista de imagens.....10

Lista de tabela 12

INTRODUÇÃO

Delineando a pesquisa 13

CAPÍTULO I

Para pensar as relações entre estética e esporte 27

CAPÍTULO II

O nosso olhar: reflexões sobre sensibilidade, imagens televisivas e esporte 51

O sentido de pertencimento 54

Outras perspectivas de tempo e espaço 71

Múltiplas linguagens, múltiplas sensações 85

Modelos de beleza: aparências dos corpos e performances técnicas..... 97

CAPÍTULO III

Perspectivando novos horizontes para a Educação Física 125

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um sempre recomeçar.....150

BIBLIOGRAFIA.....156

ANEXOS.....163

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 → O abraço

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagem 02 → O tempo técnico, momento de proximidade

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagem 03 → Turbilhão de emoções para o vôlei

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagens 04, 05, 06 → A mesma jogada, vários olhares

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagem 07 → Entrando no Ginásio

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagens 08, 09, 10 → Imagens que mostram e informam

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagem 11 → A torcida dos espectadores

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 07 de agosto de 2005.

Imagens 12, 13, 14, 15, 16 → Ídolos de um ataque "ideal"

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 17→ O quadrado "redondo" de Ronaldinho Gaúcho

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 18→ A altura de Adriano

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 19 → O corpo de Adriano

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 20 → Adriano, jogador de Basquete

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 21 → Adriano, titular

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 22 → "Eskala" Kaká

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagens 23, 24 → A auto-estima dos telespectadores

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagens 25, 26 → Abraçar para comemorar junto

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 27→ Medo e Fé de Maradona

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagens 28, 29, 30 → Fenômenos – Tsunami, Katrina e Ronaldo

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagens 31, 32, 33, 34, 35, → Pedaladas

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 11 de setembro de 2005.

Imagem 36 → Fuga do formalismo, dança para aquecer

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 28 de agosto de 2005.

Imagem 37 → Uma estética própria do corpo

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 28 de agosto de 2005.

Imagem 38 → A técnica criativa do basquetebol de rua

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 28 de agosto de 2005.

Imagens 39 e 40 → Grafite e hip-hop no basquete de rua

Fonte: Transmissão do "Esporte Espetacular" veiculada no dia 28 de agosto de 2005.

LISTA DE TABELA

Tabela 01

Os discursos sobre a estética e telespetáculo esportivo em espaço escolar

RESUMO

O telespetáculo esportivo apresenta-se como um fenômeno midiático que evidencia performances e técnicas que extrapolam o comumente realizado nas práticas esportivas cotidianas em um misto de show e jogo que, cada vez mais, sensibiliza os telespectadores. Neste cenário, nos propomos a investigar a relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador a partir de uma perspectiva estética, bem como discutir o esporte no contexto da Educação Física a partir desta relação enfocando contribuições para o seu ensino na escola. A pesquisa, do ponto de vista metodológico, utiliza-se da análise do discurso (Bardin, 1977) para realizar um estudo qualitativo em dois momentos interdependentes. O primeiro dedica-se a análise de materiais coletado durante a realização do Mini-curso "Educação, esporte e televisão", o segundo debruça-se sob imagens televisivas do telespetáculo esportivo para apreciação, o que subsidia uma discussão dos elementos estéticos pertencentes a este fenômeno, procurando a relação estabelecida entre o telespectador e telespetáculo esportivo. A ênfase da análise reside na sensação desencadeada pelo telespetáculo esportivo, bem como a problematização dos elementos que promovem essa experiência estética a partir de dois conceitos fundantes, a saber: a estesia e a percepção sinestésica. O corpus de análise é composto de transmissões do programa "Esporte Espetacular". Identificam-se, na apreciação do telespetáculo esportivo, quatro grandes eixos de discussão que, a nosso ver, são de grande relevância na compreensão da relação telespetáculo esportivo/telespectador, a saber: a relação entre o espaço e o tempo, o sentimento de pertencimento, o imbricamento de linguagens, e os modelos de beleza. Percebe-se na análise que, no cenário esportivo televisionado, ocorre uma construção imagética que seduz e envolve o telespectador através de elementos estéticos. A partir desses eixos de discussão refletimos sobre o ensino do esporte em ambiente escolar, principalmente no que concerne à reificação de um modelo único de esporte. Apontando ainda desdobramentos sobre construção do espaço e tempo do evento esportivo e sobre a multiplicidade de linguagens para abordá-lo na escola. Posturas que não se propõem absolutas, mas que problematizam o esporte televisionado a partir da sedução oportunizada aos telespectadores por elementos estéticos veiculados.

Palavras chaves: Televisão, esporte e experiência estética.

Delineando a pesquisa...

"(...) de acordo com o modelo disciplinar tradicional, o esporte estava associado à ascese. Como o esporte devia servir para controlar desejos corporais, suas conotações eróticas inerentes deviam ser também caladas. Hoje, essas têm permissão de aparecer à luz clara. O esporte contemporâneo é uma das esferas em que a relação intrínseca entre o estético e o erótico recebe permissão de manifestar-se".

Wolgang Welsch (2001, p. 145-146)

(...) e mesmo demonstrando um semblante de preocupação, Marcelo Negrão lança mão da bola para o alto. Dando início ao ponto final da partida, seu olhar não procura outra direção que não o alcance da bola; o seu corpo preenche o espaço de maior destaque na tela aonde se transmite o final das olimpíadas para milhões de pessoas... e, em uma fração de segundos, o ponto se faz... e com ele, a estesia promovida pelo esporte faz-se comungar em vários corpos... Jogadores, espectadores e telespectadores de todo mundo...

Uma das lembranças mais fortes de minha memória foi o período em que me vi inebriado pelo espetáculo esportivo promovido nas Olimpíadas de Barcelona – 1992. Naquele momento, percebi que o referido evento detinha relevante atenção de toda a mídia e movimentava fortemente as impressões esportivas e políticas da época. Além disso, provocava uma incessante sensação de excitação nos espectadores que percorriam, com seus olhares, cada movimentação dos atletas através da televisão. Nesse cenário de imagens espetaculares do esporte, cultivei sentimentos variados pela prática esportiva, que vão desde a aflição até a alegria.

A cena anteriormente descrita, a partir de minha memória, deve fazer parte também da lembrança dos que acompanharam esse evento e que comportam em si uma gama de sensações que se manifestam comumente a partir da apreciação do esporte. Obviamente, outras cenas poderiam ser assim descritas a partir das lembranças de outros espectadores, tamanha é a possibilidade de interpretação e repercussão do fenômeno esportivo sob formas espetaculares.

> A construção dessa memória imagética esportiva foi intensamente potencializada a partir do último século, no qual o esporte e a imagem deste passaram a despertar grande fascínio e atração de espectadores no mundo todo. Como objeto de grandes eventos e audiências, o esporte passou a despertar em seus apreciadores ricas experiências estéticas. Porém, essa tendência estetizante não ocorreu somente no esporte, sendo este um fenômeno dentre tantos outros contextualizados numa estetização da vida cotidiana, como aponta Maffesoli (1996) e Baudrillard (1992).

Ao indicarmos o esporte como elemento para essa discussão, observamos que a veiculação de imagens esportivas espetacularizadas pelos meios de comunicação, especialmente pela TV, se constitui uma das possibilidades de vivência estética, de vivência do esporte, na contemporaneidade.

A mídia televisiva nos oferece um formato específico para a apreciação do fenômeno esportivo, que neste trabalho denominamos de telespetáculo esportivo.

O fato de a televisão ser um meio de comunicação de longo alcance social e oportunizar numa outra configuração do esporte pautada pela dimensão estética que amplia a formulação e projeção de suas imagens, faz-nos atentar para a necessidade de investigar suas transmissões como forma de apontar reflexões para a compreensão de esporte no contexto da educação.

A investigação da dimensão estética aliada ao estudo da mídia em sua relação com as manifestações da cultura de movimento pode ser tomada como

uma demanda da Educação Física, uma vez que destacamos a presença dessa discussão em eventos da área, bem como na produção científica pertinente ao tema (BETTI, 1998; PIRES, 2002 e WELSCH, 2001).

Diante dessa situação, faz-se necessário indagar: O que nos sensibiliza nos telespetáculos esportivos? De que modo o telespetáculo esportivo "prende" o indivíduo à frente da televisão? Como se dá a relação entre telespectador e transmissão televisiva nessa interface da manifestação esportiva? Como a compreensão dessa relação pode contribuir para pensarmos o esporte no contexto da Educação Física?

Consideramos necessário para o nosso estudo pensar na mídia como portadora de uma pedagogia própria que pode interferir no processo de educação do sujeito. Assim, aderimos ao pensamento de Dantas (2002), quando se refere aos escritos de Fischer, ao considerar a mídia como responsável, em grande parte, pelas trocas simbólicas atuais e que, por esse motivo, é promotora de novas demandas educacionais já que, de forma direta e indireta, modifica a dinâmica social, bem como a interação e a comunicação entre as pessoas.

Nessa perspectiva, considerando que o telespetáculo esportivo interfere significativamente na concepção de esporte dos indivíduos, pensamos ser necessário refletir sobre esse fenômeno observando a necessidade de relacionar os conteúdos abordados no ensino institucionalizado e as experiências dos alunos fora da escola.

Nesse sentido, apontamos como objetivo deste trabalho investigar a relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador a partir de uma perspectiva estética, bem como discutir o esporte no contexto da Educação Física a partir dessa relação, enfocando contribuições para o seu ensino na escola.

Enfocaremos nessa investigação o telespetáculo esportivo como objeto de estudo por reconhecer nesse fenômeno grande repercussão na formação dos sujeitos/ alunos, apreciadores do esporte. Acreditamos que, sendo o esporte uma manifestação que permanece em contínuo processo de mutação cultural, é necessário buscar em seu formato contemporâneo as suas significações, fundamentos para dialogar com sua realidade no âmbito educativo.

A trajetória metodológica da pesquisa dividiu-se em dois momentos articulados e interdependentes balizados pela análise do discurso (BARDIN, 1977).

Diante do conjunto de operações analíticas disponibilizadas pela autora supracitada, colocamo-nos na posição de adaptá-las à natureza dos materiais a serem investigados e às questões propostas em nosso trabalho, considerando aproximações com o referencial da estética da comunicação (VALVERDE, 2003; PARRET, 1997) bem como a utilização de dois conceitos norteadores para a análise: a estesia e a percepção sinestésica.

Encontramos na Estética da Comunicação, mencionada por Monclar Valverde (1992; 1997; 2000; 2003) um referencial teórico que considera a análise

da experiência estética possibilitada na comunicação e, de um modo particular, nas mudanças ocorridas com o advento das telecomunicações, ampliando as discussões sobre a sensibilidade, recepção e experiência.

Ao tomarmos como referências Valverde (2003) e Parret (1997), partimos da compreensão de que a análise dos processos comunicativos pode ser dada a partir de uma perspectiva estética. Assim nos aproximamos da estética da comunicação que, na visão do primeiro autor supracitado, é

> *algo mais amplo do que o estudo das interações verbais ou análise poética das "linguagens" contemporâneas. Ela deve envolver um empenho conceitual capaz de dar conta da especificidade dos processos comunicacionais contemporâneos, sem ignorar suas relações com a história da arte e a experiência ordinária. Isso implica analisar as condições da experiência estética proporcionada pelas formas de expressão contemporânea (em tudo que envolve a fruição, a interpretação e a avaliação de seus produtos), sem desconsiderar os aspectos sensíveis envolvidos em toda forma de comunicação, inclusive a verbal* (VALVERDE, 2003, p. 9).

Segundo o autor mencionado, o termo da estética da comunicação, anteriormente colocado por Parret (1997), incorpora o tema da sensibilidade no debate sobre os processos comunicacionais e nos encaminha para o entendimento de que o ato comunicativo não se reduz a um ato informacional, mas abrange a reciprocidade entre as partes comunicantes, em uma ressignificação constante.

As referências anteriormente citadas, para além de considerar a leitura estética do ato comunicativo como forma de compreendê-lo, nos

possibilitou refletir sobre as sensibilidades e modos de recepção desencadeados em nossa apreciação.

Para tanto, fizemos uso de dois conceitos referendados nos estudos de Merleau-Ponty (1999, 2000, 2005): a estesia e a percepção sinestésica; o primeiro entendido como a capacidade do corpo de perceber o mundo que lhe circunda e sensibilizar-se com ele, e o segundo como articulação integrada dos sentidos corporais em favor de uma percepção unificada.

O primeiro passo do trajeto metodológico consta de uma leitura do discurso de professores e alunos da área de Educação Física sobre o tema deste trabalho no mini-curso "Educação, esporte e televisão", ocorrido durante o II Encontro Nacional de Ensino de Arte e Educação Física – Natal/RN[5]. O segundo momento caracteriza-se como uma apreciação estética de programas de televisão, cuja temática do esporte é evidenciada em forma espetacular.

Para caracterizar o primeiro momento da pesquisa, destacamos que na ocasião do mini-curso citado tivemos a oportunidade de reunir dados para análise a partir do diálogo com os participantes, bem como de registros, por escrito, em respostas a questionários propostos para os mesmos.

Foram 20 o número de professores e alunos interessados e efetivamente inscritos no mini-curso "Educação, esporte e televisão"; no entanto, somente 13 acompanharam todo o curso. Dentre eles, 04 acadêmicos de Educação Física e 07

[5] Evento ocorrido no mês de novembro de2005 na Universidade Federal do rio Grande do Norte, por iniciativa do Núcleo de Formação continuada de Professores em Arte e Educação Física - PAIÉIA.

profissionais formados na área, a maior parte com pós-graduação Lato-sensu, 02 mestres e 1 doutor, além de contar com participação da orientadora deste trabalho que coordenou o mini-curso. Encontramos, na diversidade de formação e experiência profissional dos participantes, um rico espaço de discussão para balizar nossas reflexões e nosso olhar de apreciadores críticos das imagens televisivas.

No que se refere aos questionários, elencamos 11, após uma leitura flutuante, por entendermos que estes continham uma amostra significativa para a constituição do corpus de análise a partir das regras de representatividade e de homogeneidade. De posse de todos os registros, organizamos em um único formato (tabela em anexo) para que fosse possível observar suas proximidades e disparidades, para assim identificarmos os indicadores do discurso que se mostravam mais significativos.

A exploração do material foi feita por análise temática (tema como unidade de registro) por consistir "em descobrir os ´núcleos de sentidos´ que compõem a comunicação [...] o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões e atitudes"(BARDIN, 1977, p. 105); assim consideramos os temas por regra de presença e freqüência nos discursos para, a partir de então, formular os núcleos de sentido emergentes da análise.

Esse primeiro momento oportunizou uma discussão inicial sobre a abordagem estética do telespetáculo esportivo na Educação Física e seus possíveis

desdobramentos para o fazer pedagógico na escola. A partir dela é que operacionalizamos o segundo momento da pesquisa que considerou as imagens televisivas como fontes de pesquisa, sob as quais o nosso olhar se colocou partindo de uma perspectiva estética. No entanto, cientes das inúmeras possibilidades de leitura do objeto de apreciação, nos colocamos, enquanto interrogantes, que desejávamos compartilhar sentidos na reciprocidade entre objeto e sujeito (PORPINO, 2001), ou seja, uma reciprocidade entre o telespetáculo esportivo e nosso papel enquanto telespectadores e apreciadores do esporte.

Enfocamos como fonte de investigação um noticiário televisivo de amplo alcance nacional com mais de 30 anos de exibição na Rede Globo de Televisão, o "Esporte espetacular", que direciona suas atenções para o esporte e, em especial, em sua capacidade de proporcionar um espetáculo de imagens a cada evento.

Ao dissertar sobre as intenções e objetivos do programa, assim a emissora responsável o define:

> *Decididamente o esporte espetacular não é o tipo de programa para quem gosta de enquadramentos de câmera óbvios, imagens previstas e o básico nas transmissões esportivas. O programa é antes de tudo um espetáculo de imagens sobre as mais diversas práticas esportivas. A cada domingo, transforma o que poderia ser apenas uma matéria sobre determinado esporte em uma seqüência que reúne riqueza de informações e imagens surpreendentes. Não é sem*

motivo que o Esporte Espetacular inovou a linguagem televisiva na área dos esportes. [6]

Indicamos, perante o universo apontado, como corpo de análise nessa investigação os programas do esporte espetacular veiculado aos domingos durante os meses de agosto e setembro de 2005. Esse recorte foi selecionado de maneira intencional, por conter uma representação considerável da temática abordada no estudo, o telespetáculo esportivo.

Dentro de nosso corpo de análise destacamos algumas reportagens e transmissões "ao vivo" que consideramos significantes para nossa reflexão, utilizando como critérios a exaustividade de tais práticas esportivas na programação televisiva, a pertinência das mesmas ao enfocar o telespetáculo esportivo, bem como as nossas afinidades para com as cenas escolhidas, respaldados naquilo que nos comove nessa experiência estética. Assim, as cenas selecionadas fazem referência à práticas esportivas que abarcam grande parte da pauta de transmissão esportiva; são elas:

- Transmissão "ao vivo" da final da Copa América de Voleibol Masculino, veiculada dentro do Esporte Espetacular de 07 de agosto de 2005, entre as equipes adultas do Brasil e dos Estados Unidos.
- A transmissão de reportagem do Esporte Espetacular, em seu programa de 11 de setembro de 2005, que propõe a um grupo de publicitários formular

[6] Disponível em: www.comercial.redeglobo.com.br/programacao_esporte/espo_intro.php (Acessado em 30/05/2005).

uma campanha publicitária em favor de cada um dos cinco atletas indicados para compor o quarteto de ataque da Seleção Brasileira – Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano e Robinho.

- A transmissão "ao vivo" da Meia-Maratona do Rio de Janeiro, veiculada no Esporte Espetacular de 14 de agosto de 2005, que reunia centenas de atletas de vários países do mundo.
- A transmissão de reportagem do Esporte Espetacular, ocorrida no dia 28 de agosto de 2005, que compõe o cenário do I Campeonato Brasileiro de Basquete de Rua, ocorrido também no Rio de Janeiro.

A partir do corpus delimitado, enfocamos algumas unidades de registro por acontecimento, considerando as cenas que nos sensibilizaram na apreciação, operando assim a partir de uma vivência, tendo como conceitos norteadores, já mencionados anteriormente, a estesia e a percepção sinestésica.

A partir da delimitação das cenas selecionadas, procedemos ao agrupamento das mesmas no que denominamos de eixos de discussão, a saber: 1 - o sentido de pertencimento; 2 - outras perspectivas de tempo e espaço; 3 - múltiplas linguagens, múltiplas sensações e 4 - modelos de beleza, aparências dos corpos e performances técnicas.

Esses 4 eixos citados podem ser pensados como frutos de nossa apreciação estética da transmissão televisiva e, ao mesmo tempo, desdobramentos para reflexão do esporte em ambiente escolar.

Neste segundo momento da pesquisa fica claro para nós que

> *A tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse um receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura "a letra", mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano (BARDIN, 1977, p. 41).*

Ao assumirmos o papel de telespectador/pesquisador e apreciador crítico das imagens destacadas, admitimos a abertura a outras significações para além da leitura realizada com base na nossa apreciação. Como diria Merleau-Ponty (2005, p. 139), "é próprio do visível, dizíamos ser a superfície de uma profundidade inesgotável: é o que torna possível sua abertura a outras visões além da minha".

No que se refere à estruturação do trabalho, apresentamos três capítulos que dialogam, mas que detêm suas especificidades. Em "***Para pensar relações entre a estética e o esporte***" apresentamos alguns conceitos para pensarmos a relação entre esporte e estética, mas especificamente pela mediação do aparato televisivo e a possibilidade da discussão estética na Educação Física; também destacamos parte da produção acadêmica que se aproxima de discussão realizada neste trabalho; a lacuna ainda existente acerca da discussão estética nesse contexto; e ainda algumas discussões sobre a temática, tendo como base os discursos dos participantes do mini-curso.

Na segunda parte do trabalho expomos ***"O nosso olhar: reflexões sobre sensibilidade, imagens televisivas e esporte"***, como fruto de nossa apreciação estética das imagens do telespetáculo esportivo. Dividimos o texto desse capítulo em quatro grandes eixos de discussão que, ao nosso ver, são relevantes para a compreensão da experiência estética oportunizada na relação entre telespetáculo esportivo e telespectador, são eles: o sentido de pertencimento; outras perspectivas de tempo e espaço; múltiplas linguagens, múltiplas sensações e modelos de beleza: aparências dos corpos e performances técnicas.

A partir desses eixos, tentamos esboçar reflexões sobre o que sensibiliza e o que prende o telespectador em sua relação com o telespetáculo esportivo, bem como implicações para a Educação Física. As imagens capturadas da transmissão apreciada são utilizadas para compor os sentidos estéticos do texto, como recursos analógicos auxiliares e complementares da escrita.

No terceiro capítulo estamos "**Perspectivando novos horizontes para a Educação Física**". Neste, refletimos sobre os elementos apresentados no capítulo anterior, a partir de um exemplo não olímpico de esporte exposto pela própria televisão, tendo como foco o ensino do esporte na escola. Também apontamos possibilidades de diálogo entre o ensino da Educação Física e as pedagogias da mídia no que se refere a abordagem do esporte, a partir de uma leitura estética.

Para pensar relações entre a estética e o esporte...

"(...) de acordo com o modelo disciplinar tradicional, o esporte estava associado à ascese. Como o esporte devia servir para controlar desejos corporais, suas conotações eróticas inerentes deviam ser também caladas. Hoje, essas têm permissão de aparecer à luz clara. O esporte contemporâneo é uma das esferas em que a relação intrínseca entre o estético e o erótico recebe permissão de manifestar-se".

Wolgang Welsch (2001, p. 145-146)

A paisagem de apreciação do fenômeno esportivo foi fortemente potencializada na medida em que a prática esportiva transitou pela trama social de tal modo que acabou por receber a designação de espetáculo. Nesse cenário, o esporte passou a ser visto também a partir de vários elementos estéticos capazes de proporcionar uma experiência diferenciada e singular (LOVISOLO, 1997).

Sendo o esporte um produto da cultura, o que entendemos hoje como esporte espetáculo advém de um contexto social mais amplo em que a estetização e a espetacularização das manifestações culturais podem ser pensadas como fenômenos contemporâneos que merecem maiores reflexões.

Para Maffesoli (1996), "a estética difratou-se no conjunto da existência. Nada mais permanece incólume. Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana" (MAFFESOLI, 1996, p. 12). Baudrillard (1992) propõe o tema *transestético* para discutir essa disseminação da estética para outros horizontes, que extravasam os limites da Arte e deixa transparecer uma banalização da estética, ora massificada.

Nesse mesmo percurso, é possível perceber um processo de espetacularização dos ambientes sociais, em que, notadamente, as relações interpessoais são mediadas por imagens espetacularizadas (DEBORD, 1997).

Segundo a ótica da espetacularização e suas implicações estéticas, o espetáculo esportivo atual apresenta-se como fenômeno estruturado não apensas para o jogar, mas também para o admirar, o assistir... Um misto de show e jogo, evidenciando performances e técnicas que extrapolam o comumente realizado nas práticas esportivas cotidianas. E, acompanhando essa lógica, o esporte assume componentes comerciais, políticos, econômicos e performáticos para adquirir a designação de esporte-espetáculo (BETTI, 1998).

Tendo como ponto de partida a interferência midiática, Betti (1998) considera que a associação entre o esporte e a mídia, em especial a televisão, vem alterando progressiva e rapidamente a prática do esporte e a percepção que dele temos. Ao trabalhar com a lógica da espetacularização, a televisão fragmenta e

descontextualiza o fenômeno esportivo, construindo uma realidade autônoma: o telespetáculo esportivo.

Concordamos que a entrada do esporte nos meios de comunicação de massa, em especial a televisão, favorece uma maior apreciação do fenômeno esportivo e também gera uma mudança estética significativa no mesmo. Marchi Jr. (2003) explicita esse fato ao analisar a entrada do voleibol na programação das grandes redes de televisão. Ele nos diz:

> *Temos que o processo de inclusão do esporte na televisão exigiu das entidades diretivas do Voleibol uma readaptação da modalidade nos conceitos de competitividade, emotividade, dinâmica e duração das partidas. Por exemplo, a introdução de novas regras para o Voleibol certamente aprimorou o layout da modalidade como produto de comercialização para as redes de televisão, haja vista a redução do tempo de transmissão das partidas, em média, de 25% nos jogos masculinos e 15% nos femininos. Em essência, essas modificações visaram constituir o esporte em um produto de televisão para telespectadores passíveis de gerir um exponencial potencial de consumo (*MARCHI JR., 2003, p. 6).

As mudanças no layout do esporte, quando transmitido pela televisão, implicam em outras possibilidades de apreensão deste para além da apreciação que é possível se estabelecer presencialmente.

> *Como fenômeno sociológico, todavia, a televisão é capaz de criar gostos e propensões, necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação, que acabam por tornarem-se determinantes para a cultura, até mesmo no terreno estético* (BETTI, 1998, p. 43).

Segundo Betti (1998), a transmissão televisiva do esporte deve ser entendida como uma nova forma de comunicação que não cria uma estética própria, mais adapta o fenômeno aos seus códigos, a um novo formato no qual o som, a imagem e a narrativa se mesclam continuamente.

Assim, a experiência que se vivencia na apreciação de uma imagem televisiva, esportiva ou não, é fruto de uma construção modificada do fenômeno real pelo meio que o veicula, no caso, o aparato televisivo. A imagem televisiva não contém, pois, nela mesma, a completude de interfaces encontradas no objeto que ela representa e por isto não se basta enquanto essência do que se vê, mas sim na evocação do que se vê. Ao propor reflexões sobre a incompletude da imagem, Wolff (2005) nos esclarece que para além da imagem não requerer necessariamente todas as características de um objeto, ela também representa apenas uma possibilidade de representação de uma realidade. Nós acrescentamos, refletindo que essa representação também pode ser interpretada de diferentes formas se considerarmos a presença daquele que aprecia e que, na sua apreciação, pode evocar suas mais significativas lembranças, afetos e sentidos existenciais diversos.

Para que possamos compreender a dimensão estética presente na relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador, é preciso refazer a tradicional concepção de estética estritamente relacionada à Arte e pensar que

outras manifestações também podem desencadear as mais diversas sensações em seus apreciadores através da experiência estética. Para Nóbrega (2003),

> *A estética difratou-se no conjunto da existência, não se restringindo às obras de arte. Trata-se da possibilidade de um conhecimento aberto, uma racionalidade abrangente, que integre dimensões consideradas secundárias como o corpo. A compreensão de estética aqui delineada busca o conceito, a trajetória e o ressurgimento do sensível na cultura contemporânea, não reconhecendo a experiência sensível apenas na arte, mas encontrando-a em outros momentos da existência, como as festas, as manifestações populares, a dança, a meditação, dentre outras (NÓBREGA, 2003, p. 163).*

Entendemos que essa compreensão da estética colabora para ampliar suas relações com as práticas corporais, dentre elas o esporte, e assim, contribuir para a deflagração de um conhecimento que se manifesta nos processos corporais, portanto, sensíveis.

Ao considerarmos uma abordagem estética do telespetáculo esportivo, pensamos ser necessário compreender que o termo "estética" está intimamente ligado a dois pontos principais: a percepção sensorial que o objeto proporciona, com a sensação que isto causa, e a própria existência do objeto no que diz respeito a sua forma, cor, textura e intenção.

Essa relação sensível entre o sujeito e o objeto de percepção é o cerne da experiência estética assim caracterizada por Porpino (2001). Nesse sentido, a experiência estética

> *É marcada pela transversalidade entre o sujeito e o objeto, o material e o incorporal, o antes e o depois; não é possível pensá-la como interioridade e exterioridade, mas como uma situação complexa dada imediatamente por uma espécie de "contaminação afetiva", um arrebatamento capaz de levar o ser humano a territórios ainda não percorridos, de torná-los instantaneamente diferentes do momento anterior (PORPINO, 2001, p. 105).*

Referimo-nos, portanto, a estética como forma de pensar as relações com o mundo pautado na *estesia,* como capacidade de perceber o mundo vivido a partir da sensibilidade do corpo, uma vez que "a 'estesia' diz mais de nossa sensibilidade geral, de nossa prontidão para apreender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos" (DUARTE JR, 2001, p. 136-137). Essa relação supracitada já havia sido anteriormente enfocada por Merleau - Ponty (1980; 1999; 2000) ao referir-se que a relação do homem com o mundo é uma relação estesiológica.

Existe uma junção entre o corpo e o mundo constituindo-se uma relação de co-existência que se desdobra na construção cultural a partir do campo de significações sensíveis. Ao se referir ao pensamento de Merleau-Ponty, nos diz Chauí (1998):

> *A relação corpo-mundo é estesiológica: há a carne do corpo e a carne do mundo; [...] há um logos do mundo estético, um campo de significações sensíveis constituintes do corpo e do mundo. É esse logos do mundo estético que torna possível a intersubjetividade como a intercorporeidade, e que, através da manifestação corporal na linguagem, permite o surgimento do logos cultural, isto é, do mundo humano da cultura e da história (CHAUÍ, 1980, p. XI).*

As formas de expressão contemporâneas que se dirigem aos sujeitos, inclusive aquelas presente na televisão, oportunizam uma forma de perceber e, por conseguinte, de comunicar diferenciada, dada à alteração do modo que se oportuniza a experiência estética.

Ao considerarmos a experiência estética, a partir dessa realidade, tomamos outro conceito significativo, a sinestesia ou percepção sinestésica. Entendemos a percepção sinestésica enquanto capacidade de articulação dos sentidos corporais e suas sensações, evidenciando uma experiência corporal unificada (MERLEAU-PONTY, 1999). Esse pensamento implica na compreensão da reversibilidade dos sentidos, sob a qual a concepção de cada sentido é imbricada a suas sensações da vivência corporal e suas relações com os demais sentidos do corpo (MERLEAU-PONTY, 2005).

A esse respeito, também encontramos referências nos trabalhos de Valverde (1998)

> *A sensibilidade foi concebida, classicamente, como uma coleção de capacidades localizadas, especializadas na apreensão de determinados aspectos do mundo, por meio dos vários órgãos dos sentidos. Ora, em nossa experiência efetiva, os sentidos jamais operam dessa forma, mas em conexão sinestésica. Portanto, falar em tato ou visão, audição ou paladar não passa de um recurso classificatório de que o discurso analítico não é capaz de abrir mão. A nossa relação efetiva com o mundo é uma relação integral... (VALVERDE, 1998, p. 4-5).*

Antagonicamente à concepção clássica de percepção, Merleau-Ponty ressalta a comunicabilidade dos sentidos que ele intitula de percepção sinestésica. Em suas palavras:

> *A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como se concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir [...] Os sentidos comunicam-se entre si e abrem-se à estrutura das coisas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 108).*

A partir dos conceitos de estesia e percepção sinestésica, passamos a reconhecer a experiência estética como uma rede de significados complementares segundo nossa experiência da apreciação que, inevitavelmente, está correlacionada com a nossa experiência com o fenômeno esportivo e com o formato televisivo apresentado.

Conforme essa compreensão e, ao buscarmos fundamentos em nossa área de formação para pensar a apreciação do telespetáculo esportivo sob um viés estético, percebemos que as preocupações com a influência da televisão na educação dos indivíduos, especialmente a partir dos usos que esta faz das manifestações da cultura de movimento, já se fizeram presentes no campo da Educação Física, como, por exemplo, na obra de Mauro Betti (1998), intitulada: "*A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*"; ou da obra de Giovani De Lorezi Pires (2002), intitulada de: "*Educação física e o discurso midiático*:

abordagem crítico-emancipatória". Essas duas publicações são, na atualidade, emblemáticas na articulação da Educação Física com o campo da mídia, no entanto, é necessário observar que ambas têm suas peculiaridade no que diz respeito ao aporte teórico, a primeira embasada na Hermenêutica e a segunda ancorada nos estudos decorrentes da Escola de Frankfurt.

No percurso da produção acadêmica também é possível destacar algumas produções de dissertações e teses que abordaram a temática da mídia, como, por exemplo, o trabalho de Eduardo Ribeiro Dantas (2002), membro do mesmo grupo de pesquisa do qual fazemos parte (GEPEC - Grupo de Estudo Corpo e Cultura de Movimento), que discute a pedagogia da mídia e seus discursos relativos ao corpo e as práticas corporais; ou o estudo de Márcio Romeu Ribas de Oliveira (2004), intitulado "O Primeiro olhar: Experiência com Imagens na Educação Física Escolar"; ou ainda a pesquisa de Sidnei Rodrigues Batista (2003), intitulada "A televisão e o ensino da educação física na escola - uma proposta de intervenção".

Podemos considerar que um primeiro empenho mais sistemático na discussão da emergência do fenômeno esportivo telemediado ocorreu em 1996, quando a Revista Brasileira de Ciências do Esporte propôs a temática "Esporte, Comunicação e Mídia" como forma de alavancar o debate, na Educação Física, sobre a mídia e a comunicação e suas relações com o fazer pedagógico da área.

Desse esforço inicial, em que se discutia, principalmente, a influência dos modelos midiáticos sob o movimentar-se dos telespectadores, derivou um grupo de pesquisadores na Educação Física que elegeram a comunicação e a mídia como interface das práticas corporais a serem investigadas, fundando do ano de 1997 o Grupo de Trabalho Temático (GTT), junto ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, tendo a mídia como objeto de estudo. Podemos evidenciar o corpo de publicações do XII e XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - CONBRACE, ocorridos nos anos de 2001 e 2003, respectivamente, na cidade de Caxambu/ MG, como fonte representativa da produção desse GTT que destaca a mídia como elemento pertinente de debates acadêmicos.

No cenário do XII CONBRACE, no ano de 2001, deflagraram-se discussões sobre valores esportivos divulgados pela televisão (SANFELICE & HATJE, 2001), sobre a cultura esportiva e a mídia trabalhada sob a abordagem crítico-emancipatória (PIRES, & GONÇALVES, 2001), e ainda sobre os desdobramentos da educação física escolar perante a imagem televisiva (BETTI, 2001; SILVA, 2001), dentre outros. Nesse primeiro momento, as reflexões sobre o telespetáculo esportivo detinham discussão centrada no objeto de transmissão e suas possibilidades de influenciar o modo de pensar e se praticar o esporte. Paralelamente, as questões que se remetiam à estética apresentada na transmissão estavam relacionadas à discussão do ideal de beleza ideologicamente transmitido pelo telespetáculo ou na estética corporal dos atletas em destaque.

Já no corpo de trabalhos publicados no XII CONBRACE, ocorrido no ano de 2003, o destaque dado ao conjunto fez referência ao trato da transmissão dos enunciados televisivos para o trabalho pedagogicamente pensado na educação física. Nesse investimento coletivo destacam-se os estudos sobre a percepção e compreensão dos sentidos da transmissão midiática (LISBOA, 2003), bem como considerações mais sistematizadas sobre a linguagem audiovisual e suas implicações para o sujeito (OLIVEIRA & PIRES, 2003), e ainda sobre os estímulos motivacionais para a apreciação de programas esportivos televisivos (DURÃES & FERRÉS NETO, 2003), dentre outros.

Percebemos, a partir de uma leitura das publicações nesse encontro, um avanço da discussão no que tange a consideração do telespectador como sujeito importante e ativo na relação estabelecida com o telespetáculo esportivo. No que diz respeito à discussão estética, não encontramos registros significativos sobre a sua relação com o esporte televisionado. No entanto, é possível fazer algumas aproximações na medida em que se inicia uma abertura para a discussão do telespectador como sujeito que aprecia o telespetáculo esportivo, bem como suas propensões e gostos.

Mais recentemente, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte buscou revisitar a temática da mídia e esportes no ano de 2005. O conjunto dos trabalhos demonstrou uma preocupação com o fazer pedagógico da Educação Física frente aos aparatos da mídia atual. Destacamos, nesse investimento,

trabalhos como o de Oliveira & Pires (2005) ao tematizar a utilização de tecnologias de geração de imagens como forma de discutir as relações existentes entre a cultura de movimento e o discurso dos meios de comunicação de massa com alunos do ensino fundamental; bem como a proposta de intervenção pedagógica indicada por Batista & Betti (2005) ao se preocupar com a educação crítica para a linguagem audiovisual, também tendo como público alvo os alunos do ensino fundamental.

Assim, de um modo geral, abarcado o telespetáculo esportivo na tematização das discussões acadêmicas na área da Educação Física, uma das possíveis lacunas que se registra é a negligência de uma leitura estética nessa nova formulação do esporte. Essa constatação foi expressa por Valter Bracht, em fala na mesa redonda[7] pertencente a programação do GTT de Mídia e Comunicação dentro do XIV CONBRACE, no ano de 2005.

O autor, em sua fala, ao apresentar os pontos consensuais no corpo de trabalhos construídos na temática que entrelaçava mídia e esporte pelo GTT de Mídia e Comunicação, enfocou o entendimento da importância da mídia na cultura contemporânea, bem como a especificidade de características áudio-visuais com a qual trabalha a televisão.

Ainda em suas reflexões, Valter Bracht explicitou a inquietude do pensar para além do formato televisivo e sua intencionalidade de transmissão,

[7] Texto não disponível nos anais do evento. As considerações aqui colocadas apresentam-se como síntese a partir de nossa participação no referido evento.

deslocando o foco da discussão para os aspectos estéticos presentes na transmissão, considerando, desse modo, o telespectador e a produção midiática como elementos de uma experiência estética em evidência na atualidade.

Diante deste breve resgate na produção acadêmica da Educação Física, temos a nítida impressão que paulatinamente a discussão estética vem ganhando visibilidade nas incursões acadêmicas que tematizam o esporte em sua vertente telemediada.

Verificamos que, se anteriormente o foco de atenção estava na identificação de uma estética objetivista (centrada em um modelo de beleza veiculado pela mídia televisiva), hoje podemos trabalhar com a concepção de estética fenomenológica, pautando-nos no imbricamento fundamental existente entre o sujeito (telespectador) e o objeto (telespetáculo esportivo) na experiência estética.

Ancorados na compreensão que toda a relação corpo – mundo é estesiológica (MERLEAU-PONTY, 1999), buscamos elementos para pensar esta relação também na realidade virtual do telespetáculo esportivo. Possibilitando assim o resgate da sensibilidade do telespectador e dando visibilidade às formas de percepção que o corpo oferta ao sujeito que aprecia o telespetáculo esportivo.

É nesse sentido que nos inscrevemos nessa emergência, apostando na relação entre o telespetáculo esportivo e o sujeito telespectador a partir de uma perspectiva estética como forma de refletir sobre o esporte no contexto da Educação Física.

Ao que parece, o principal problema nessa aposta de considerar os elementos expostos na mídia televisiva como relevantes pontos de discussão para

as práticas corporais no espaço escolar tem sido a preocupação com o conteúdo ideológico dos discursos midiáticos. Mas qual seria, portanto, a melhor postura frente a essa problemática? Desconsiderar a mídia televisiva ou abordá-la de maneira crítica? Essas questões recorrentes ao longo da maioria dos trabalhos que aborda a temática se fazem necessárias para o amadurecimento de um compromisso educativo empenhado com a formação de sujeitos críticos.

Para nosso objetivo, pensando na apreciação do telespetáculo esportivo, é preciso considerar um paradoxo existente na forma de compreender a relação entre apreciador e objeto apreciado, ou entre o esporte televisionado e o telespectador.

Sobre esse paradoxo, ao fazer alusão a obra "*Apocalípticos e integrados*" de Umberto Eco, Ferrés (1996) nos chama atenção para o fato de que há duas tendências a se pensar o fenômeno televisivo. A postura apocalíptica aponta para o estado de passividade do apreciador dado o caráter alienador, trivial e supérfluo da televisão, além de apontar malefícios de natureza física no telespectador. A postura dos integrados destaca como possível creditar à televisão a oportunidade de democratização do conhecimento e ampliação dos sentidos. Nas palavras de Ferrés (1996)

> *Ao fazer referência à televisão os apocalípticos de plantão falam de uma indústria homogeneizadora, de uma cultura degradada, de uma massificação alienadora... Consideram-na como principal causadora dos males da época. No extremo oposto aparecem as*

> *posturas integradas, segundo as quais a televisão deve ser considerada uma oportunidade para democratização do conhecimento e da cultura, para ampliação dos sentidos, para a potenciação da aprendizagem... A televisão apresenta a cultura da opulência e da diversidade, a cultura da liberdade, das emoções múltiplas (FERRÉS, 1996, p. 11-12).*

Ou seja, ao mesmo tempo em que causa relevante fascínio no telespectador, desencadeando sensações das mais diversas possíveis pela experiência estética oportunizada, a imagem também tem sido considerada perigosa por sua vertigem encantadora para a reificação do que se entende por esporte, causando assim a passividade perante o fenômeno.

Essa última forma assemelha-se à idéia de Duarte Jr. (2001) ao referir-se a um estado de *anestesia* do ser humano em sua relação com o mundo perante a avalanche de estímulos superficiais que se multiplicam e que, via de regra, não conseguem ser apreciados pelo sujeito, dada a sua velocidade.

A postura apocalíptica que indica passividade é também comumente assumida por estudos referentes à comunicação, e à mídia em especial, aproximando-se da crítica a ideologia proposta pelos meios de comunicação de massa, como alerta Valverde (2003)

> *Na maioria das vezes, o tipo de reflexão associado a essa rubrica referiu-se apenas a um dos aspectos pertinentes, que poderia ter sido melhor descrito como "crítica da cultura de massa" ou, mais recentemente, como "crítica da cultura das mídias". Nesse sentido, predominaram as abordagens fundadas na crítica ao imaginário e à ideologia que seriam veiculados pelos meios de comunicação ou a denúncia da subordinação da produção simbólica à lógica da*

> *"indústria cultural". Este foi certamente o caso dos trabalhos da escola de Frankfurt [...] o aspecto* ***estético*** *dessa crítica fica em grande parte ofuscado, quando não é simplesmente ignorado (VALVERDE, 2003, p. 7). (Grifo do autor)*

Pensamos que o necessário debate acerca da influência da mídia sobre os telespectadores deva ser incessantemente tematizado sem que, necessariamente, ocorra um extremismo na postura crítica. As críticas direcionadas à televisão e sua transmissão podem ser feitas, não por sua simples existência e larga amplitude de alcance comunicativo, mas por sua intencionalidade de veiculação de informações que trabalha para seduzir o telespectador, inclusive a partir de apelos estéticos.

Assim, em meio a essa discussão, e preocupados com as demandas pedagógicas no trato do esporte, consideramos as discussão realizadas no mini-curso "Esporte, televisão e educação", como significativas para evidenciarmos o contexto do ensino da Educação Física frente à influência televisiva, bem como a necessidade de uma educação estética direcionada à apreciação do esporte televisivo.

Nesse espaço de debate ocorrido dentro do II Encontro Nacional de Ensino de Arte e Educação Física – ENAEF, foi possível dialogar com profissionais e estudantes de Educação Física interessados na temática e questionar acerca da importância dos conhecimentos sobre a televisão e o esporte televisionado para o ensino da Educação Física escolar.

Percebemos naquela oportunidade a notória compreensão dos participantes de que, discutir o esporte televisivo e a relação com a televisão no ambiente escolar, é indispensável para o conhecimento sobre o esporte, inclusive para formular críticas a partir dos modelos esportivos que vêm sendo veiculado pela TV.

Observamos que os destaques dados a essa contribuição são para a desmistificação do sistema espetacular do esporte televisionado; para a compreensão desses conhecimentos como auxiliares no entendimento das diferenças existentes entre o telespetáculo esportivo e o esporte vivenciado; para o entendimento da possibilidade de fazer uma leitura do esporte atual tendo como desencadeador o telespetáculo esportivo, bem como para a compreensão que esses conhecimentos auxiliam na visão crítica do telespetáculo esportivo, denunciando a necessidade de articulação entre a realidade escolar e a formulação televisa do esporte.

Percebemos que a valorização da relação entre televisão e esporte caracteriza-se como elemento central na fala do conjunto de sujeitos com os quais trabalhamos. Essa emergência para a área da Educação Física já havia sido apontada por Betti (1998) ao referir-se sobre uma nova postura para a área que não recaia em extremismos de posturas, mas que atribua a essa relação novos sentidos, inclusive pedagógicos. Em suas palavras

> *A educação e a educação física, portanto, precisam valorizar a televisão e o esporte, atribuindo-lhes sentidos, concedendo-lhes projetos e esperanças, e superando a dicotomia das posições "apocalípticas" e "integradas", que Umberto Eco (1970) fez referir aos meios de comunicação de massa, mas que também se aplica à postura dos educadores perante o esporte (BETTI, 1998, p. 22).*

Entendemos que essa preocupação esteja implicitamente posta na fala dos professores, pela postura coletiva de busca de conhecimento para construir com seus alunos uma leitura crítica do telespetáculo esportivo. Paralelamente a essa constatação, é possível identificar a deficiência na formação dos profissionais de Educação Física no que se refere à questão da mídia, como já declarava Pires (2002). Os sujeitos em questão declaram a falta de conhecimento para o trabalho do esporte em sua linguagem áudio-visual. Uma das possíveis conseqüências dessa constatação é pensar que a reduzida quantidade de elementos para compreensão do fenômeno midiático faz com que os participantes indiquem esse formato como elemento desencadeador para a compreensão do fenômeno esportivo de forma mais ampla, e não para a compreensão da especificidade do telespetáculo esportivo.

No entanto, aderimos ao pensamento de Betti (1998) ao considerar que

> *Para intervir é preciso conhecer. Se os educadores querem posicionar-se perante a televisão, devem conhecer o meio e sua linguagem. Se a educação física quer intervir no campo do esporte, precisa conhecer os fundamentos do esporte telespetáculo (BETTI, 1998, p. 146-147).*

Ao tomarmos como referência os elementos citados nesse primeiro momento, compondo o grupo de indicadores no discurso dos professores, identificamos um núcleo de sentido emergente diante das considerações: a compreensão da necessidade de uma educação *para* e *no* meio televisivo.

A partir desse núcleo, é possível perceber que os participantes compreendem sim a existência de diferenças entre os fenômenos esportivos reais e virtuais, incluindo suas especificidades, já que todos os indicativos elencados, de alguma forma, articulam-se a essa diferenciação. Assim, a compreensão da necessidade de uma educação *para* e *no* meio televisivo nos indica um elemento primeiro, para a aproximação com os conhecimentos sobre a televisão e o esporte.

Sobre o núcleo de sentido supracitado, Ferrés (1996) nos diz que

> *Educar na televisão significa transformar o meio em matéria ou objeto de estudo, educar na linguagem audiovisual, ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos programas... [...] Mas também educar com a televisão. Incorporá-la à sala de aula, em todas as áreas e níveis de ensino, não para aumentar ainda mais o seu consumo, mas para otimizar o processo ensino-aprendizagem (FERRÉS, 1996, p. 92-93).*

Na concepção do autor o entendimento de elementos que compõem a transmissão televisiva auxilia na visão crítica dessa realidade, inclusive desmistificando o meio e, por conseguinte, adotando postura amadurecida perante ele. Ao considerar esses conhecimentos, cremos que "o jogo continua

sendo maravilhoso, mas há a consciência de que é um jogo e descobre-se como ele seduz. É o primeiro passo para a desmistificação" (idem, p. 82).

Durante os debates com os participantes, procuramos problematizar questões acerca dos diferentes formatos em que o esporte se apresenta atualmente. E foi trilhando esse percurso que compreendemos conjuntamente as especificidades apresentadas tanto pelo esporte escolar quanto pelo telespetáculo esportivo, considerando a capacidade deste último de autonomizar-se no cenário atual (BETTI, 1998).

Percebemos que, mesmo perante o não domínio das linguagens áudios-visuais e da formatação do aparato televisivo, e superando o déficit de sua formação, é possível observar que os participantes refletem sobre a temática no viés já colocado pela literatura - o confronto das realidades virtuais e reais, indicando uma emergência de contraponto do que mostra a televisão e possibilitando outros modos de perceber o esporte para a além do telespetáculo.

Mostra-se a sensibilidade dos participantes no trato pedagógico ao apontar metodologias similares às propostas pela literatura específica que apontam o confronto de realidades como modos privilegiados de abordagem ao que se mostra na televisão. Fazemos referência aqui às metodologias, intituladas de trabalho em "mixagem" e em "estéreo"[8], constituem-se atualmente como as

[8] Para saber mais sobre essas metodologias de ensino, consultar Betti (1998) e Babin & Kouloumdjian (1989). Em linhas gerais, pode-se caracterizar o trabalho em "mixagem" como o resgate de elementos da transmissão televisiva nas tradicionais aulas de Educação Física; já o trabalho em "estéreo", é a apreciação, construção e compreensão da linguagem audiovisual dentro da ação pedagógica do professor, confrontando a realidade real e a virtual.

mais difundidas no restrito campo de relatos pedagógicos que abordam a mídia na Educação Física.

Posto essas primeiras aproximações, buscamos problematizar modos de abordagem no trato das relações entre o esporte e a televisão no espaço escolar que privilegiassem a referência estética.

No que se refere à necessidade de uma discussão estética no contexto da Educação Física, como forma de problematizar as relações entre esporte e televisão, os participantes destacaram essa importância a partir de três enfoques, a saber: a consideração da sensibilidade dos alunos no âmbito do ensino formal; a possibilidade do exercício de apreciação do telespetáculo esportivo e a possibilidade de novas formas de perceber o esporte.

A unanimidade constatada nos registros coletados sobre a importância da educação estética reflete a busca por novas formas de abordar o esporte e a televisão no espaço escolar. Contudo, também foi discutido no mini-curso que essa educação estética ainda permeia muito timidamente a ação pedagógica da Educação Física e, consequentemente, também no trato do esporte especificamente.

> *O curioso é que quando se fala em "educação física" a imagem que aparece é a de um atleta de short, camiseta e tênis, pronto para alguma atividade que envolva o uso dos músculos. Mas os olhos, os ouvidos, a boca, o nariz, a pele são também parte do físico. Podem também ficar atrofiados como ficam atrofiados os músculos. O corpo atrofiado pela inércia e pelo acúmulo de gordura pode terminar em obesidade, diabetes, colesterol alto e infarto. Mas o*

> *corpo de sentidos atrofiados termina numa doença terrível chamada "tédio". Imagino uma faculdade de educação física que tenha também cursos do tipo "Curso de cheiração avançada I", "Curso de cheiração avançada II", "Curso de observação das cores", "Curso de audição de ruídos da natureza"... (ALVES apud DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 181).*

Mesmo considerando o grau de ironia presente no comentário, faz-se necessário ponderar a sensibilidade humana, a partir dos sentidos corporais, como um dos alicerces da prática pedagógica da Educação Física. A esse respeito, Melo (2004, p. 131) coloca: "de tantos aspectos subjetivos que emergem da relação corporeidade/motricidade, destaco a sensibilidade como um dos grandes pilares para a educação física como prática pedagógica para ampliar nos alunos sua percepção de si e do mundo".

Perante as argumentações registradas pelos participantes no mini-curso verificamos que o entendimento do grupo considera que a sensibilidade pode oportunizar a re-estruturação dos saberes discentes em uma construção coletiva na escola, o que faz com que seja importante considerar a sensibilidade do aluno no processo ensino-aprendizagem.

No que se refere à possibilidade de apreciação do telespetáculo esportivo, no contexto escolar, destacamos a abertura de uma outra perspectiva para a vivência esportiva, oportunizada pela visão; oportunidade esta que não substitui a prática esportiva, mas coloca à disposição do profissional de Educação Física uma outra linguagem (audiovisual) como possibilidade de abordagem

pedagógica; linguagem esta que promove outras formas de se perceber o esporte, por oportunizar outros modos de sensibilização corporal.

Nesse momento, retomamos a educação estética como abertura para redescobrir o que já se conhece, para perceber o esporte de forma sensível. O fato de considerar a apreciação do telespetáculo esportivo como uma possibilidade de aproximação como esporte, como fonte de conhecimento sobre o mesmo, pode-se constituir uma nova forma de pensar a Educação Física escolar a partir de uma perspectiva sensível, como já apontamos (ARAÚJO & PORPINO, 2005), tanto por considerar a sensibilidade do aluno quanto pluralizar as formas de percepção do esporte.

A multiplicidade de formas de acesso ao esporte pelo sujeito por meio do seu aparato corporal pode ser pensada de outras formas para além da aquisição da técnica do movimento esportivo, abrindo espaço para o apreciar como uma outra forma de acesso.

Desse modo, considerando a força das transmissões televisivas para encantar os seus espectadores, bem como o fascínio exercido pelo espetáculo esportivo, é que apontamos como preponderante a discussão estética sobre os apelos imagéticos e sonoros que nos causa estesia, prendendo-nos na apreciação do telespetáculo esportivo.

Ao retomarmos e discutirmos as referências acadêmicas sobre a relação entre o esporte, a televisão e a Educação Física, bem como a necessidade

emergente de uma maior discussão sobre a dimensão estética dessa relação, ancorados na experiência do mini-curso, buscamos a seguir, realizar uma análise estética do esporte televisionado, com foco na relação estabelecida entre o sujeito (telespectador) e o objeto (telespetáculo esportivo).

O próximo passo se constitui como uma possibilidade de destacar contribuições para a educação estética no âmbito da Educação Física. Para tanto, desenvolvemos alguns eixos de discussões que consideramos significativos em nossa apreciação estética, a saber: o sentido de pertencimento; outras perspectivas de tempo e espaço; múltiplas linguagens, múltiplas sensações e modelos de beleza: aparências dos corpos e performances técnicas.

O nosso olhar: reflexões sobre sensibilidade, imagens televisivas e esporte

"O olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão" (AUMONT, 1993 p. 59)

A capacidade de visão possível a partir do mecanismo ocular humano evidencia uma das capacidades de alcance do corpo para o horizonte que o cerca. No entanto, para além das operações motoras, ópticas e químicas necessárias para a captação da imagem por nosso aparato corporal, pensamos que exista uma reciprocidade de nosso olhar humano com o mundo que o cerca. Essa relação, estabelecida através da visão, possibilita o lançamento do sujeito em exploração ao mundo; às vezes proporcionando estranheza, outras vezes, bem querer, alegria, comoção, curiosidade, afeto... O que se pode dizer é que o olhar nos proporciona, sempre, novas formas de observar o que é demasiado visto, e assim (re) conhecer o mundo para novamente se encantar.

Buscamos compreender, nesse momento, o olhar como um ato eminentemente humano que parte da intencionalidade do sujeito ao focar sua atenção em algo que o sensibiliza. Desse modo,

> Ver um objeto é ou possuí-lo à margem do campo visual e poder fixá-lo, ou então corresponder efetivamente a essa solicitação, fixando-o. Quando eu o fixo, ancoro-me nele, mas esta parada do olhar é apenas uma modalidade de seu movimento: continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoa-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto. [...] Ver é entrar em um universo de seres que se mostram, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir a habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e, situado virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos o objeto central de minha visão atual (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104-105).

O olhar que pensamos, como elemento que nos faz habitar o mundo, não é aquele que analisa formas e medidas quantitativamente, tratando de cores e geometrias para convencer-se do conhecimento do objeto como projetou Descartes (BOSI, 1990). O entendimento do olhar aqui tratado procura considerá-lo como uma atitude intencional de conhecimento, um ato de busca instigado por nossas propensões e afinidades, como faremos a seguir, a partir de nossa apreciação do telespetáculo esportivo.

Nosso olhar, nesse exercício reflexivo caminha articulando a sensibilidade do telespectador, a partir de nossas experiências, e os mecanismos de construção de imagem do telespetáculo esportivo, buscando pensar as implicações desta relação para a área da Educação Física.

O Sentido de Pertencimento

Para aquele que se propõe colocar-se perante a televisão para assistir ao esporte, em sua edição espetacularizada, já não é possível perceber-se indiferente ao que seu olhar mostra. Dada a velocidade de lances e ao emaranhado de apelos a cada momento, o telespectador envolve-se ao ponto de não perceber-se observando o telespetáculo, mas participando, assumindo-se cúmplice na relação estabelecida. Nesse momento, não há mais a segregação do objeto observado (telespetáculo esportivo) e do observador (telespectador); há, pois, um momento estésico, um arrebatamento sensível do sujeito.

Merleau-Ponty (2002), ao refletir sobre a linguagem, já apontava a existência de um momento de entrelaçamento entre o sujeito e o objeto ao qual este se debruça. Usando o exemplo da leitura, Merleau-Ponty relata:

> *À medida que sou cativado por um livro, não vejo mais as letras na página, não sei mais quando virei a página; através de todos esses sinais, de todas essas folhas, viso e atinjo sempre o mesmo acontecimento, a mesma aventura, a ponto de não mais saber sob que ângulo, em qual perspectiva me foram oferecidos... (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 31).*

Pensamos que, de modo semelhante, ocorre com o sujeito perante a televisão. O agregamento de linguagens possíveis no aparato televisivo envolve o sujeito, ofertando-o uma gama de elementos sedutores aos quais o telespectador não consegue permanecer indiferente. Este é, ou nosso ver, o caso do telespetáculo esportivo.

Nesse contexto de sedução de imagens esportivas, o telespectador, cada vez mais vive a experiência prazerosa de observar e pertencer ao conteúdo transmitido. Ele excita-se e emociona-se pela apreciação, posicionando-se como um voyeur[5] esportivo porque, como diria Debord (1997, p. 13), ao situar o espetáculo, "tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação".

É necessário, no entanto, uma identificação entre o sujeito e o objeto, como forma de o telespectador compreender-se pertencido àquele instante e reconhecer-se ao olhar o telespetáculo.

> *De sorte que o vidente, estando preso no que se vê, continua a ver-se a si mesmo: há um narcisismo fundamental de toda visão; daí porque, também ele sofre, por parte das coisas, a uma visão, por eles exercida sobre elas; daí, como disseram muitos pintores, o sentir-me olhado pelas coisas, daí, minha atividade ser identicamente passividade – o que constitui o sentido segundo o mais profundo do narcisismo: não ver de fora, como os outros vêem, o contorno de um corpo habitado, mas sobretudo ser visto por ele, existir nele, emigrar para ele, ser seduzido, captado, alienado pelo fantasma, de sorte que vidente e visível se mutuem reciprocamente, e não mais se saiba quem vê e quem é visto (MERLEAU- PONTY, 2005, P. 135)*

[5] Termo de origem francesa que é largamente difundido para referendar-se ao sujeito que obtém prazer pelo ato e observar, geralmente voltado para o caráter sexual.

Nesse imbrincamento fundamental formula-se, contudo, uma aproximação gradativa que encanta o telespectador para o enlace sensível em vários momentos da vida cotidiana, e em especial, para fins de nosso diálogo, com o evento esportivo televisionado.

Assim, por inúmeros motivos, afinidades e propensões, o telespectador se vê imerso no universo das imagens televisionadas. Tomemos como exemplo a transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano dentro da programação do Esporte Espetacular.

Em nosso modo de ver, é possível observar ao longo de toda transmissão que um dos pontos recorrentes na veiculação das cenas é a comemoração. Em primeiro plano, esse tipo de cena evidencia um fazer coletivo que desencadeia em nós sensações de afetividade desse fazer entre os jogadores. Remete-nos à lembranças de épocas passadas, como atleta, ou mesmo o abraço afetivo em outras situações do cotidiano... Acolhimento, identificação, sentimentos que se fazem presentes na apreciação das cenas veiculadas.

Imagem 01 – O abraço

Na transmissão enfocada, o abraço coletivo e a mútua cooperação sempre são cenas destacadas a cada ponto. Ao apreciar essas cenas experienciamos a comunhão do prazer de jogar, de realizar o ponto e de partilhar a satisfação do jogo.

Consideramos que as cenas veiculadas na transmissão buscam evidenciar um sentido coletivo para agregar o telespectador ao evento transmitido, e fazemos aproximação com o que Maffesoli (1996) chama de ética da estética para indicar uma lógica coletiva que "repousa sobre o prazer e o desejo de estar junto" (MAFFESOLI, 1996, p. 56). O autor, agregando elementos para nos falar dessa lógica coletiva, ainda ressalta o sentimento de partilha, a experiência vivida compartilhada, experimentada em comum, como fundamento que liga essencialmente os sujeitos.

A nosso ver, é a sensibilidade agregada à comunhão de objetivos do jogo que promove o entrelaçamento dos jogadores no fazer esportivo coletivo veiculado na transmissão, observados no abraço, na comemoração e na cooperação mútua entre os jogadores de uma mesma equipe.

No entanto, dentro do formato esportivo que atualmente se apresenta, altamente centrado na competitividade e na exigência da performance máxima,

nem sempre evidenciam-se espaços para um sentimento de cooperação balizados no fazer coletivo.

A veiculação de cenas esportivas pela televisão, quase que exclusiva de momentos de comemoração e de fazer coletivo e afetuoso, oculta o um outro lado de um escopo esportivo que prima pelo sobrepujar e pela comparação objetiva (HILDEBRANDT, 2001).

Bourdieu (1997), ao tratar sobre a forma pela qual a televisão trabalha para transmitir seus discursos, é claro em dizer:

> *A televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construído de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24).*

Ao compartilharmos desse entendimento, compreendemos que na cena observada, o telespetáculo esportivo evidencia a veiculação de cenas voltadas à vitória, à comemoração, à fraternidade e à conquista, e paralelamente são ocultadas imagens da dor, do combate, do erro e da derrota do time adversário. No entanto, também é possível pensar na situação inversa, em que o telespectador, sentindo-se pertencente ao time, pode sensibilizar-se não só com suas performances beirando a perfeição, mas também com seus erros e derrotas.

A transmissão televisiva, como instrumento intencional para sensibilizar o telespectador, reconhece que este goza e sofre com sua equipe, o time ao qual prefere vincular-se e que também é alvo da transmissão. Ela busca a identificação entre o telespectador e as imagens mostradas para que este também pertença na derrota, no sofrimento, tornando a sensibilidade, mesmo posta no outro extremo de euforia, de igual intensidade.

Contudo, seja na ênfase da derrota ou vitória, a veiculação de imagens esportivas busca, por vezes, atenuar a disputa como na cena apreciada. A transmissão, ao incitar a identificação do telespectador, pode mobilizar a sensibilidade do sujeito a tal ponto que este não perceba mais o sentimento de sobrepujar o adversário enfocado na transmissão.

Percebemos estratégias e apelos na espetacularização do esporte que buscam nos telespectadores, parceiros para multiplicar o discurso do esporte pautado no êxtase provocado pela transmissão, o que pode muitas vezes ocultar as outras faces do esporte, operacionalizadas pela violência, pelas transgressões de regras etc.

Regressando a veiculação acima indicada, a Final da Copa América de Voleibol Masculina - 2005, em outros momentos da transmissão é comum a mudança da perspectiva da imagem ao acompanhar a seqüência de movimentação dos jogadores em torno da bola. Percebemos que a bola torna-se o elemento que centraliza o ato da transmissão, guiando a movimentação da imagem e de nossa

atenção. Perante a imagem projetada da bola, as sensações variam, baseando-se no paradoxo formulado no jogo de voleibol, a partir da tensão existente entre o não deixar a bola cair em seu campo de defesa, mesmo sendo essa a intenção que move os atletas para ataque ao campo adversário. Para nós, fica o sentimento dúbio e a apreensão a cada ponto. Do mesmo modo, fica o sentimento de esperança contínua, gerado na ação cíclica do deleite ou desprazer oportunizado pelo jogo.

Do mesmo modo, a perspectiva dos diferentes enquadramentos possíveis no aparato televisivo nos proporciona uma aproximação com os sujeitos/ torcedores que, em via de regra, apresentam um padrão de elementos definidos. Somos estimulados a pertencermos a essa massa de torcedores que faz parte do telespetáculo esportivo, comungando não só da sua agitação fervorosa em razão da vitória dos jogadores, mas também dos elementos constituintes dos torcedores presentes no espetáculo mediado, tais como as coreografias, por exemplo.

As imagens veiculadas a partir da torcida do telespetáculo nos proporcionam um sentimento de pertencimento, no momento que mostram outros sujeitos que, tal como com nós, estão dispostos a direcionar sua atenção ao espetáculo esportivo.

Nós, enquanto telespectadores, não nos sentimos sozinhos no ambiente em que estamos dispostos frente à televisão, ao contrário, nos sentimos agregados à grande massa de torcedores veiculados pela transmissão e, de certo modo,

também buscamos proximidade com o perfil de torcedor mostrado, sendo a primeira sensação fundadora da segunda porque "o sentimento de existência, isto é, de sentimento de estar entre outros ou sensus commun(al)is precede o sentimento de valor" (PARRET, 1997, p. 180).

O autor supracitado, em linhas gerais, defende a tese de que a comunicação que compõe a trama social se fundamenta pela emergência estética de reciprocidade. No entanto, a comunicação geralmente não é percebida dessa forma, o que denota uma fragmentação na compreensão do ato comunicativo.

> *Na redução do sujeito social e comunitário a um comunicador, e em seguida a um informador como se a intersubjetividade (ou co-subjetividade) fosse equivalente à comunicatibilidade e toda comunicação a uma transferência de informação (PARRET, 1997, p. 16).*

Esta crítica, colocada por Parret (1997) é fundamento de uma compreensão da comunicação enquanto relação simbiótica estabelecida entre as partes comunicantes. Esta relação é o que realmente efetiva a comunicação que transcende a informação e que considera os sujeitos como emissores e receptores ativos. No contexto de nossa argumentação podemos considerar que assumimos como telespectador a condição de um "ser-em-comunidade" (virtual e real) que, no seu coletivo-afetivo ato de comunicar, construímos sentimento de unidade de representação na comunicação com a imagem.

Não ficando indiferente ao que nos é apresentado, correspondemos agregando-nos à torcida e aos elementos que lhe são próprios, cultivando o sentimento de pertencimento ao telespetáculo esportivo. Partícipe do processo de comunicação instaurado pela televisão, o telespectador agrega valor à imagem veiculada, construindo uma legitimação da comunicação e incluindo-se na formação de um elo comunicativo no qual, o torcedor agrega-se virtualmente ao cenário de jogo para vibrar conjuntamente.

Entendemos, pois, que existem uma multiplicidade de sensações e compreensões para as mais diversas imagens esportivas televisionadas, em especial no que diz respeito a relação de identificação estabelecida entre a imagem do atleta em cena e o telespectador.

Welsch (2001) quando refere-se à condição de espectador, perante a habilidade do atleta, tece o seguinte comentário sobre a apreciação do esporte:

> *Nada realmente está além de nosso alcance - nem os corpos, nem as atividades, nem as emoções -, tudo é familiar em certa medida. É um semelhante que está atuando, sofrendo e vencendo ou perdendo lá do outro lado. Isso faz do evento esportivo um evento partilhado e o drama um evento que também experienciamos. Segue-se disso que a estrutura do esporte compreende tanto atletas como espectadores. Ficamos fascinados pela realização de uma potencialidade ideal do ser humano, a qual não está factualmente disponível para nós, mas que é atualizada no evento esportivo; neste sentido, experienciamos o evento como sendo representativo para nós e apreciamos e participamos do drama exibido (WELSCH, 2001, p. 155-156).*

Um outro momento oportuno para pensar as sensações estésicas de pertencimento provocadas ao longo da apreciação do telespetáculo esportivo é a transmissão da Meia-Maratona do Rio de Janeiro, veiculada, ao vivo, ao longo do Esporte Espetacular de 14 de agosto de 2005.

A largada transmitida mostra, em plano frontal e em velocidade alta, uma dispersão de corpos em um mesmo sentido e direção que incita em nós uma sensação de inquietude, de prontidão. Esse movimento se propaga por todo o percurso, aumentando gradativamente as distâncias entre os competidores.

As distâncias métricas facilmente observadas ao longo da transmissão não condizem com a proximidade gradativa entre o telespectador e o evento. Ao contrário, essa relação se estreita a cada passo dos corpos que se mostram em constante movimento cíclico de marcha acelerada, como se a cada passo fosse anunciando o desejo de chegada, e assim nosso corpo de telespectador não é só matéria à poltrona perante a TV, é também um corpo que conclui a prova junto com os corpos que na transmissão se destacam.

A transmissão televisiva nos sugere o sentimento de busca pela vitória quando nos faz habitar todo o histórico de treinamento e preparação dos atletas destacados. O sentimento de proximidade, no que diz respeito ao alcance pela conclusão da prova, se destaca pela veiculação de imagens e gráficos com as distâncias percorridas e com a velocidade média de cada atleta.

Assim, no êxtase da relação do telespectador com os corredores observados ocorrem tantas mudanças quantas possam ser as percepções ao longo da transmissão e, ao longo de todo trajeto da Meia-Maratona, é perceptível às cenas em que as passadas são progressivamente diminuídas em seu ritmo, cada vez menos fortes e decididas, deixando muitos dos corpos obstinados pelo meio do trajeto.

A partir de nosso olhar podemos dizer que é possível que os telespectadores podem, assim como nós, aproximar-se da sensação de cansaço pela sugestão de fadiga sugerida na transmissão. A transmissão televisiva oportuniza essa sensação pelo foco na respiração do atleta, além de informações adicionais sobre os batimentos cardíacos e quantidade de oxigênio em seu sangue, elementos que compõem a transmissão do início ao fim da veiculação das cenas.

Cremos que a relação entre o telespectador e o evento esportivo ganha densidade não só nesse evento, mas de modo difundido, estabelecendo-se na apreciação um envolvimento entre as partes comunicantes. Ao transmitir ao telespectador as sensações vividas pelo atleta em ação, a televisão comunica e faz-se entender pelos elementos de sua linguagem audiovisual que se dirigem diretamente à percepção do sujeito, que pode ou não identificar-se com evento.

De forma ampla, a apreciação de um evento como a Meia-Maratona do Rio de Janeiro gera sensação de cansaço por sua composição cíclica do movimento da marcha, bem como pelas poucas perspectivas de visões

oportunizadas, sendo muitas vezes restritas a perspectiva frontal dos primeiros colocados e a perspectiva aérea.

Em outro momento de nossa apreciação, regressando à transmissão da Final da Copa do Mundo de Voleibol, e tomando como exemplo as imagens que enfocam os pedidos de tempo, notamos uma mistura de duas proposições mais explícitas no que se refere à identificação do telespectador ao evento e seu posterior sentimento de pertencimento. A primeira facilmente identificada é a postura intimista da imagem que deflagra a conversa entre os integrantes da equipe enquanto cúmplices de um fazer coletivo do jogo. Estas geram um clima de proximidade entre o telespectador e os atletas que geralmente só é possível na transmissão televisiva.

Imagem 02 – O tempo técnico, momento de proximidade

A segunda identificação é de uma projeção preocupada com a animação da torcida, trazendo em cena o chefe de torcida e veiculando imagens de

torcedores em coreografias e gritos de incentivo. Para nós, as imagens nos incitam uma sensação de incentivo a alegria, uma chamada a torcer juntamente com os presentes no estádio.

Aparentemente, busca-se a comunhão de torcedores que, mesmo em espaços geográficos diferentes, se comovem a partir de um mesmo sentimento. A relativização do espaço também é feita nesse momento. Pensemos: quantos torcedores incentivam os jogadores naquele momento? Os espectadores presentes no estádio? Ou estes, somados aos telespectadores distribuídos em todo mundo?

O tempo também pode ser questionado nesse momento se pensarmos que esse número pode ser alargado, se imaginarmos o número de transmissões ao vivo ou não. O que fica de fato, é que nos sentimos pertencentes ao telespetáculo esportivo que assistimos e esse sentimento de partícipe que nos rege ao entrarmos em contato com o telespetáculo esportivo também abarca implicações pedagógicas que necessitam ser pensadas.

A partir desse arrebatamento estético oportunizado pelo telespetáculo esportivo, o sujeito imerso no jogo de mostrar e esconder, de presença e ausência, de proximidade e distância, vive a experiência dúbia e pouco reflexiva ofertada pela televisão.

O envolvimento sensibiliza o sujeito/telespectador por apelos estéticos que, articulados no imbricamento da linguagem audiovisual, aderem ao imaginário social como retificação do fenômeno esportivo. Entretanto, no

contexto televisivo, o que é mostrado para representar o esporte é apenas uma das inúmeras possibilidades de captar sua imagem. Portanto, o esporte veiculado pela televisão é "objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade" (BOURDIEU, 1997, p. 123).

As questões que desejamos refletir referem-se à anestesia provocada pelo fascínio esportivo, potencializado em sua articulação com a mídia televisiva. Duarte Jr. (2001), ao se referir à anestesia, nos fala que esta é caracterizada, dentre outros elementos, por um embrutecimento de nossos sentidos, às vezes por hiper-estimulação, outras vezes pela não consideração desses. Daí nos vem a reflexão que talvez estejamos anestesiando nosso olhar perante o telespetáculo esportivo pelos dois caminhos apontados. Ora, se por um lado "consumimos" as imagens esportivas de forma instantânea (tal como nos são passadas), caracterizando uma hiper-estimulação; por outro, geralmente não temos/ buscamos elementos para refletir sobre essa situação.

Como já foi apontado, evidencia-se atualmente a procura pelo prazer frente ao telespetáculo esportivo. Os telespectadores satisfazem-se observando o espetáculo e essa atitude instaura a reificação do espetáculo esportivo com sinônimo do esporte, por falta de reflexão sobre a espetacularização midiática, gerando inclusive a retroalimentação do que se entende por espetáculo esportivo,

pois, como diz Debord (1997, p. 130), "o espetáculo decorreria do fato de o homem moderno ser demasiado espectador".

O caminho talvez esteja em questionar a visibilidade dessas imagens, no sentido de fazer refletir o que está além de sua aparência. Essa reflexão se constitui como uma proposta desafiadora para cada um, no momento em que admitimos que

> *Há incontestavelmente um poder das imagens, incomparável com outros campos da sensibilidade. Na medida em que pertencem a um ser ambíguo, a uma transcendência pura ou profundidade, elas mostram sem explicitar, dão a entender sem comentar, desvendam um sentido que, porém, permanece implícito e se dá como inesgotável (BARBARAS, 2005, p. 77).*

Como se pontua, existe um quiasma entre o que se vê e o que se pode ver diante de uma imagem. Um poder ir além do que se visualiza é que a imagem incita, esse "ir além" talvez se constitua como outras formas de compreender o fenômeno que se observa, uma forma de instigar as formas de conhecer que as imagens possuem e que nem sempre são exploradas.

Ocorre, pois, como descrito no sentido de pertencimento suscitado pela construção imagética da televisão, uma possível anestesia perante o telespetáculo. Talvez seja essa a intenção de veiculação do esporte ao primar pela rapidez de imagens, pelo acúmulo de informação e pela edição de imagens. Ao sujeito é apresentado um escopo esportivo mediatizado por um aporte comunicacional

televisivo que se pretende espetacular ao referir-se ao fenômeno esportivo e seu modo de apresentação.

Para o cenário educativo cabe pensar como essa construção espetacular do esporte televisionado, ao provocar êxtase em seus telespectadores, pode inebriar a reflexão sobre o esporte, inclusive no espaço escolar. E, desse ponto desdobram-se questões: os alunos/telespectadores, ao apreciarem o telespetáculo esportivo conseguem distinguir sua especificidade enquanto realidade espetacularizada do esporte? Não seria essa uma construção de um esporte idealista e produtivo, belo e perfeito, incitada pela mediação televisiva que, ao encantar o telespectador/ aluno, faz com que o sujeito não reflita para as verdadeiras intenções de mostrar esse esporte espetacular?

Pensamos que o consumo de imagens de maneira irrefletida, por essa construção espetacular oportunizada pela televisão, deve se constituir uma preocupação constante no trato do esporte em âmbito escolar, pois no embate do sujeito/ telespectador e do objeto/ telespetáculo esportivo ocorre que

> *O agente do espetáculo levado à cena é o oposto do indivíduo, é o inimigo do indivíduo nele mesmo, tão evidente como nos outros. Aparecendo no espetáculo como modelo de identificação, ele renunciou a toda qualidade autônoma para identificar-se com a lei geral de obediência ao desenrolar das coisas (DEBORD, 1997, p. 40-41).*

Assim, entendemos que a preocupação para com a relação entre o telespectador e o telespetáculo esportivo, decorrente deste arrebatamento estético, busca a problematização para que não exista o espelhamento linear entre esses dois pólos. A comunicação estabelecida entre as partes na relação estética do apreciar o telespetáculo esportivo deve, pois, evidenciar relações das diferentes realidades, como já argumentamos anteriormente a partir do posicionamento dos participantes no mini-curso "Esporte, televisão e educação".

Faz-se necessário retomar aquela discussão para problematizar o sentimento de pertencimento na relação do sujeito com telespetáculo esportivo destacando a diferenciação entre o esporte vivenciado na escola (real) e o esporte telemediado (virtual); duas realidades que podem e devem dialogar, mas que não devem se sobrepor uma a outra.

A consideração, diferenciação e problematização dessas realidades se fazem necessárias no cenário educativo para que não admitamos o consumo passivo de imagens esportivas, sem refleti-las. Esse trato demanda o entendimento das contribuições positivas e negativas da faceta virtualizada do esporte. Nesse sentido Feres Neto (2001) nos diz:

> *Se por um lado entendo, junto com Lévy e Guattari, que a virtualização concorre para a criação da realidade, por outro é preciso notar que este movimento generalizado também apresenta um paradoxo importante a ser analisado aqui, justamente a partir deste seu potencial criador. Trata-se de uma certa tendência à*

> *homogeneização, à equivalência, à medida que as coisas se tornam padronizáveis, intercambiáveis, decorrência das diversas opções de* ***experiência*** *abrem principalmente pela novas tecnologias de comunicação [...] não paramos de nos espantar com novidades todos os dias, seja no campo das novas tecnologias, seja na produção de novos comportamentos (FERES NETO, 2001, p. 77).*

Diante dessas considerações fica a idéia de que o envolvimento do telespectador que se arrebata pelo telespetáculo é fruto de uma intencional construção do formato televisivo para sensibilizar o sujeito através de apelos estéticos. No entanto, essa realidade pode e deve ser problematizada, dada as suas implicações para a compreensão do esporte atual, inclusive nas percepções de tempo e espaço a partir do telespetáculo esportivo como discutiremos agora.

Outras perspectivas de tempo e de espaço

Diante da contemplação imagética do telespetáculo esportivo nos transportamos para um estado diferenciado na apreciação, na qual as perspectivas de espaço e de tempo são modificadas por nosso envolvimento com as cenas mostradas. As imagens nos aliciam a nos transportarmos para um estado diferenciado na apreciação, no qual a relação espaço e tempo é modificada.

Um oportuno momento para demonstrar esses instantes de envolvimento, a nosso ver, é a transmissão da final da Copa América de Voleibol

Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano dentro da programação do Esporte Espetacular.

Ao nosso olhar, desde a abertura, feita por vinheta, enfocando jogadores em finalizações de jogadas envoltos em um turvo feixe de luz que parece nos teletransportar para o "mundo" do vôlei que ali se apresenta, para uma nova realidade em que o vôlei é o fenômeno de destaque, as imagens nos levam a uma sensação de proximidade, como se o evento nos atraísse ao seu encontro.

No entanto, percebemos uma construção intencional para balizar a sensibilidade do telespectador em sua relação com o telespetáculo esportivo. Os mecanismos de manipulação da imagem na transmissão transformam, o que poderia ser apenas uma transmissão em um espetáculo de apelos estéticos.

Imagem 03 – Turbilhão de emoções para o vôlei

Na relação temporal que a referida imagem nos incita, é possível perceber elementos impossíveis na realidade. Ao mostrar cenários espetaculares, as imagens constroem uma realidade de dramatização do telespetáculo esportivo, inclusive modulando a percepção temporal que temos na relação com o evento. Sobre as modificações temporais existentes na construção de um espetáculo, Debord (1997) comenta que

> *Os pseudo-acontecimentos que se sucedem na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem; além disso, perdem-se na inflação de sua substituição precipitada, a cada pulsão do mecanismo espetacular. Por outro lado, o que foi realmente vivido não tem relação com o tempo irreversível oficial da sociedade e está em oposição direta ao ritmo pseudocíclico do subproduto consumível desse tempo (DEBORD, 1997, p. 107).*

Assim, reafirma-se a construção de uma outra estrutura, inclusive temporal, para a espetacularização dos eventos, inclusive os esportivos. Na especificidade do aparato televisivo, temos para a veiculação do esporte elementos emblemáticos como, por exemplo, o replay de lances inusitados (gols, pontos, faltas etc.) e o artifício da "câmera lenta" para enfocar detalhes na dramatização do jogo. Todos esses elementos buscam, de alguma forma, prender a atenção do telespectador junto à transmissão; um convite tentador.

Compreendemos que o telespectador se deixa habitar pela imagem que observa, ao mesmo tempo em que a imagem o convida a habitá-la, assim como

Merleau-Ponty (1999) nos fala, ao se referir à relação do corpo com o mundo a partir da visão.

> *Ver é entrar em um universo de seres que se mostram [...] Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas, na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e, situado virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos o objeto central de minha visão atual. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 105)*

Ainda na vinheta de chamada citada, referente à Final da Copa América Masculina de Voleibol, e retomando as formas de construção espetacular do esporte através da mixagem de um tempo próprio do telespetáculo esportivo, as cenas em câmera lenta destacavam momentos de comemoração e alegria como se prometesse, a nosso ver, iguais os momentos que se seguiriam durante o jogo. Em nosso olhar, essa lentidão das cenas muda o modo de perceber o que está sendo mostrado. Em câmera lenta tudo parece mais detalhado e, para nós, incita certo tipo de prolongamento do prazer da comemoração e da vitória mostrados nos eventos esportivos.

Talvez seja essa a principal intenção de editar, transmitir e re-formatar a dinâmica do tempo de um jogo esportivo: a incitação permanente do êxtase no telespectador, gerando sempre novas formas de ver e rever os lances de maior carga emotiva/ dramática em um tempo que se repete para o consumo de imagens que promovam excitação. E nesse sentido, Debord (1997) afirma que

> *O tempo pseudocíclico consumível é o tempo espetacular, tanto como tempo do consumo das imagens, em sentido restrito, como imagem do consumo do tempo, em toda a sua extensão. O tempo do consumo das imagens, meio de ligação de todas as mercadorias, é o campo inseparável em que se exercem plenamente os instrumentos do espetáculo (DEBORD, 1997, p. 105).*

Vemos assim, uma conjuntura que permite perceber como é possível sensibilizar o sujeito/ telespectador pela espetacularização de um evento esportivo. Os artifícios televisivos acabam permitindo a relativização do tempo em função da apreciação; em especial, quando associadas à utilização de uma musicalidade própria para o momento.

A respeito da influência da sonoridade musical para a nossa percepção de tempo, Parret (1997) indica que

> *Deve haver uma faculdade de imaginação (sem imagens), correlata da sensibilidade, que nos faz sentir o tempo nas experiências sinestésicas e, sobretudo, nas experiências musicais, já que a música usa e plasma nosso sentimento do tempo de maneira mais exemplar (PARRET, 1997, p. 76).*

Assim, o imbricamento de uma câmera lenta das cenas captadas com uma experiência musical sugestiva, nos encaminha desse modo, para percepção de que a transmissão não trabalha com o tempo linear de mostragem das cenas, mesmo em eventos veiculados "ao vivo", já que o registro imagético pode ser continuamente (re) mostrado sob diferentes perspectivas e em associação com outros elementos. Desse modo, nós, enquanto telespectadores, não acompanhamos o tempo cronológico da ação mostrada, e sim, o tempo das

sensações desencadeadas a partir das seqüências de cenas. Um tempo não cronológico, mas vivido.

É necessário considerar a ressalva de que essa é uma vivência que, de certa forma, foi proposta pela construção imagética do telespetáculo esportivo, uma vivência ofertada por um referencial estético proposto pelo aparato televisivo.

É possível, portanto, conceber sinteticamente duas concepções de tempo partindo da experiência de apreciação do telespetáculo esportivo, uma compreendida a partir do tempo de transmissão cronologicamente contado e outra considerando a vivência de apreciação do telespectador. Assman (1998), em um sentido mais amplo, nos fala também de um entendimento duplo sobre o tempo, considerando desse modo, o que ele chama de tempo "contado" e o tempo vivido, apontando historicamente ainda o predomínio do primeiro sobre o segundo. Em suas palavras:

> *O predomínio do tempo "contado" (tempo cronológico) sobre o tempo vivido (Kairós) se implantou lentamente, especialmente desde a Idade Média e tornou-se um aspecto fundamental na racionalidade científica e da organização social da modernidade (ASSMAN, 1998, p. 207).*

Acreditamos que, na apreciação do telespetáculo, se estabeleça também certa ambigüidade na relação com o tempo, pois o telespectador, mesmo estando imerso numa temporalidade cronológica estabelecida, consegue experienciar uma

nova temporalidade ao estar envolvido no enlace estético com as sedutoras imagens do telespetáculo esportivo. No entanto, mesmo compreendendo a duplicidade que a experiência do tempo nos acomete, consideramos que "definir em que consiste o tempo não é nada fácil. Todos temos, ao menos vagamente, a sensação de que o tempo não é sempre a mesma coisa" (ASSMAN, 1998, p. 212).

Cremos que é exatamente o encontro, essa duplicidade das formas de pensar o tempo, que nos possibilita refletir sobre a construção virtual do tempo pela transmissão televisiva do esporte de forma que afete a nossa sensibilidade sobre o tempo que experienciamos. O maior desdobramento dessa questão é a compreensão de que, na transmissão televisiva do esporte, existe um controle do tempo via construção estética da transmissão. Uma manipulação dos acontecimentos visuais pela edição de imagens e sons utilizados enquanto artifícios para provocar estesia.

Podemos considerar que a modificação da percepção temporal a partir das imagens televisionadas afeta, na realidade, a duração da nossa apreciação enquanto tempo vivido (VIRILIO apud BETTI, 1998, p. 132), ou seja, deixamo-nos levar pelas imagens, esquecemos o tempo cronológico e vivenciamos o tempo envolvido pelo prazer proporcionado por elas.

Acompanhamos o pensamento de Assman (1998):

> *A mídia nos projeta instantaneidades esfaceladas e a informática possibilita a realização de operações sumamente complexas num*

> *tempo quase real. Por outro lado, embora forçados a retomar a todo tempo a contagem quantitativa e pragmática do tempo, a experiência que dele fazemos continua sendo antes de tudo corporal e afetiva (ASSMAN, 1998, p. 216).*

É necessário, pois, refletirmos, com Merleau-Ponty (1999, p. 551) que "o tempo supõe uma visão sobre o tempo". Assim, para o apreciador, é a sua percepção sobre o evento televisionado que o localiza temporalmente. Este, cerrado em seu objeto, foco de atenção, não se percebe no tempo cronológico culturalmente construído, mas sim na relação temporal estabelecida no jogo esportivo que se mostra na tela da TV, a partir do envolvimento com o mesmo.

Já dizia Merleau-Ponty que "a passagem do presente a outro presente, eu não a penso, não sou seu espectador, eu a efetuo, eu já estou no presente que virá, assim como meu gesto já está em sua meta, eu mesmo sou o tempo, um tempo que ´permanece´ e não ´se escoa´ nem ´muda´ (MERLEAU-PONTY, idem, p. 564)".

Pensamos que o telespectador, centrado no presente de sua sensação estésica estabelece relações com seu passado, enquanto recordações do vivido, com seu futuro, e os desejos a ele atrelado, e ainda constrói a constante mutação dos momentos da apreciação na relação com o objeto televisionado. Ao nosso olhar, as imagens televisivas do voleibol remetem à vivências passadas de nossa trajetória esportiva e efetivam sensações impregnadas em nosso corpo que o tempo não apaga e que nesses momentos nos ajuda a recordar e a reviver...

O prazer do ponto, a alegria da conquista, a expectativa do próximo lance, a angústia do erro, a vivacidade do jogo. Sensações permitidas pelo telespetáculo que mobilizam o íntimo de nossa apreciação e resgatam memórias de experiência, memórias atemporais porque sempre re-vivenciadas. Assim, concordamos que é

> *Generoso quem se entrega ao que passa, esquece a conta, deixa o banco, acha o tempo, sente prazer efêmero. O dado passa, gratuito porque instantâneo. O prazer dura um momento, diferencial do tempo. Há no sensorial fugidio a dissipação infinitesimal do tempo (SERRES, 2001, p. 338).*

Também é possível na transmissão televisiva, perceber momentos em que as modificações oportunizadas pela veiculação de cenas esportivas deflagram a construção de novas perspectivas de espaço.

Esse fato pode ser constatado, se regressarmos à transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano. É necessário pensar que a vivência do espaço na apreciação telespetáculo esportivo não mostra a existência de um espaço físico definido nem uma perspectiva única do espaço. A perda do referencial da espacilidade do corpo ou de uma estabilidade espacial pode ser destacada e deve ser levada à reflexão.

Por mesclar vários campos de visão, as câmeras fixas e móveis captam diferentes modos de perceber o evento, fragmentando a percepção visual do

telespectador ao mesmo tempo em que oferece uma possibilidade singular de observar diversas perspectivas de uma mesma situação de jogo. Fazemos aqui aproximações com a concepção de espaço em Merleau-Ponty (1999, p. 328) ao afirmar que "espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível".

Percebemos que a experiência espacial possibilitada pelo telespetáculo esportivo não adere a lógica **geo-métrica** normalmente utilizada para referenciar locais ou ambientes, mas a uma perspectiva multireferencial. Dialogam em uma mesma transmissão sobre determinado evento esportivo, numerosos pontos de referência para a captação de imagens, oportunizando inúmeros arranjos espaciais entre o telespectador e o telespetáculo esportivo veiculado.

Essa suposta instabilidade espacial possibilita uma diversidade de perspectivas antes não pensadas a um sujeito, possibilita recorrer a um apanhado de elementos virtuais para experienciar novas sensações corporais. Como já argumentava Merleau-Ponty (1999) o que define o espaço é a relação estabelecida do sujeito com o mundo; em suas palavras:

> *O espaço natural e primordial não é o espaço geométrico e, correlativamente, a unidade da experiência não é garantida por um pensamento universal que exporia diante de mim os conteúdos da experiência [...] Ela é apenas indicada pelos horizontes de objetivação possível, ela só me libera de cada ambiente particular porque me liga ao mundo da natureza ou do si que os envolve a todos. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 394)*

Entendendo que nossa existência é espacial, é que buscamos dialogar com outras formas de organização do espaço, inclusive o virtual, que nos mobiliza para outras perspectivas de ação e percepção do mundo. Em se falando na construção da espacilidade "tudo nos re-envia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é origem do espaço" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 338).

Na apreciação do telespetáculo esportivo, acreditamos que o telespectador, assim como nós, formula sua experiência espacial a partir da relação estabelecida com o evento. Desse modo, as múltiplas perspectivas mescladas na edição da transmissão do telespetáculo esportivo modificam de modo significativo a noção espacial do sujeito envolvido na apreciação do jogo. Assim, percebemos que a perspectiva ou ângulo que a câmera nos oferta é responsável por formular nossa relação de espacialidade com telespetáculo esportivo.

Imagens 04, 05, 06 – A mesma jogadas, vários olhares

Com base nas imagens acima, pensamos, a partir das colocações de Dantas (2002) que

> *O corpo vive uma outra situação paradoxal: mesmo estando não-presente, está em vários lugares ao mesmo tempo, encontrando-se desterritorializado. A destorritorialização, uma das vias régias da virtualização, requer a saída da presença, do agora e do isto. É uma espécie de desengate que separa o objeto virtualizado do espaço físico e da temporalidade do relógio. Essa virtualização não é sinônimo de irrealidade como afirmam os seus críticos. O virtual se opõe ao atual e não ao real, significando que um corpo virtualizado não é irreal, ele apenas não está atualizado num determinado momento e espaço (DANTAS, 2002, p. 64).*

Ao nosso olhar, a sensação desencadeada é de instabilidade atrelada à falta de referencial da projeção do olhar. No entanto, de modo contrário as várias possibilidades vivenciais da imagem em diferentes perspectivas oportuniza uma sensação de satisfação, de contentamento sobre as cenas que se articulam para a criação de um espaço e um tempo próprios da relação entre o telespectador e o telespetáculo esportivo.

Acreditamos que a TV camufla o tempo e o espaço vividos no esporte, metrificados, regularizáveis e inadaptáveis. Ao mixar as perspectivas de visão e

flexibilizar o tempo nas transmissões, a TV quebra com a linearidade e fixidez do modelo esportivo que serve de base para sua transmissão. Torna-se necessário que a reflexão desse paradoxo seja posta em debate no espaço escolar.

Pensamos que essa realidade pode ser pensada para os alunos de Educação Física escolar que têm acesso ao telespetáculo esportivo. Que têm acesso a uma sensação de satisfação pelas diversas oportunidades de apreciar, ver e rever (inclusive sob diversos ângulos) o esporte na televisão.

Afirmamos que a problematização das perspectivas de espaço e de tempo, na apreciação do telespetáculo esportivo, é necessária para que o aluno reflita sobre a sua própria relação espaço-temporal na vivência esportiva, percebendo a metrificação e mensuração desses elementos no esporte. Essa reflexão pode subsidiar, inclusive, a compreensão de sua condição corporal de que, ao jogar pode construir a cada momento um novo arranjo espacial e temporal na dinâmica de jogo. Ao destacar a constante mutação da conjuntura espacial, Ferreira Neto (2001) afirma ser necessário pensar que

> *Corpo e espaço encontram-se numa dialética permanente de interações sucessivas, proporcionando uma organização sistemática de atitudes e comportamentos humanos de acordo com o equilíbrio de espaço interior (próprio) que caracteriza com particularidade cada indivíduo na suas relações de ordem laboral (instrumentos-objetos) e relacional (pessoas - afetividade) (FERREIRA NETO, 2001, p. 99).*

Ao enfocar o esporte no contexto escolar, essas reflexões podem ser tomadas para questionar a rigidez dos formatos esportivos, fazendo o aluno perceber a possibilidade da formulação de um jogo para além dos cânones oficiais, e estabelecendo uma possibilidade espacial emergente das relações entre os sujeitos que jogam. Assim, abre-se uma espécie de reinvenção do esporte, como intitulou Assis (2001), para uma educação que prime pela contínua re-estruturação do esporte enquanto construção social.

Nesse sentido, o esporte, pode e deve ser re-pensado nas suas diferentes instâncias e talvez a escola possa dar vazão a essa possibilidade de reconstruí-lo, inclusive em suas questões espaciais e temporais. Acontece que a própria escola, cenário educativo na qual se inscreve a Educação Física escolar, funciona como reguladora do tempo e do espaço (FOUCAULT, 1987). Essa constatação nos faz perceber que a problematização desses aspectos a partir de outras referências do esporte, tais como a da mídia, constitui-se como momento privilegiado para repensar a fixidez do formato esportivo, além de privilegiar a sensibilidade do praticante/ apreciador.

A partir da reflexão das diversas perspectivas de espaço e tempo, é possível entender que o espaço do jogo esportivo pode estruturar-se mediante as relações estabelecidas entre os jogadores e não necessariamente no formato delimitado pela regulamentação oficial. Paralelamente, a questão temporal pode ser entendida como relação de envolvimento do aluno com o esporte, não ficando

assim a temporalidade da vivência esportiva atrelada novamente à regras regimentais de cada esporte.

> *Mas o que tem acontecido na Educação Física é um excesso de tecnicismo nos conteúdos, o qual não permite vir a tona um conjunto de significados que os alunos têm sobre as ações e os temas da aula. Isso tem acontecido porque, para o professor, é cômodo entender o quadro mental dos alunos quando estes são submetidos a um referencial conhecido, que é o esporte competitivo de alto nível. O esporte possui regras, normas e ações predeterminadas, que decidem sobre o andamento da aula de Educação Física (KUNZ, 2001, p. 123).*

No tocante ao telespetáculo, ao que parece, a vivência do tempo e da multireferencialidade do espaço na apreciação, esconde a metrificação do tempo e espaço no esporte vivenciado, cujas regras são estritamente rígidas e inadaptáveis. A estesia provocada pelos artifícios oportunizados pelo aparato televisivo pode ser levada a cabo na escola, a partir da problematização do tempo e do espaço na transmissão televisiva, para que os reais usos do tempo e do espaço no esporte não sejam desconsiderados, mas possam sim servir de base para a compreensão do fenômeno esportivo.

Múltiplas linguagens, múltiplas sensações

Um dos principais pontos de discussão na percepção do esporte a partir de sua veiculação televisiva é a criação de momentos de apreciação que articulam linguagens sonora e visual[6]. Para Betti (1998), baseado em Buscombe, é peculiar da televisão esse imbricamento de linguagens. O autor nos fala:

> *Iluminação, cor, definição, enquadramento, movimento e colocação das câmeras, "cortes" e edição são códigos visuais usados para criar imagens particulares de um evento, códigos auditivos como comentários, estilo de música e volume são também usado (BETTI, 1998, p. 35).*

Esse imbricamento permitiu-nos o entendimento de que o espectador que vivencia a mediação do espetáculo esportivo pela televisão, é abordado por uma apreciação que, ao mesmo tempo em que apresenta uma expectativa reduzida ao enquadramento da transmissão, com *closes*, tomadas e comentários entrelaçados na veiculação do evento, oportuniza variadas possibilidades para atrair a atenção e criar expectativas, utilizando-se da mescla dos elementos que lhe são próprios. As cenas suscitam as expectativas que lhe são possíveis e cada uma delas mostra perspectivas diferentes de um mesmo evento esportivo.

Nas cenas do jogo de voleibol, veiculadas no dia de 07 de agosto de 2005[7] e em quase todas as transmissões esportivas, é possível perceber esse fato. No componente visual há a compartimentalização pelo enquadramento da TV, enquanto no componente sonoro são acrescidos elementos não necessariamente

[6] Cabe aqui o registro de que na opinião de alguns autores, tal como Santaella (1996), todas as mídias têm o seu caráter híbrido de linguagens, em que se misturam códigos em uma conjugação simultânea de linguagens.
[7] Final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005.

presentes em uma partida de voleibol; a esse ambiente televisivo são acrescidos o locutor, músicas de vitórias e sonoridades que evidenciam as ações mostradas pela transmissão. A nosso ver, esse formato de apreciação do esporte nos fornece, talvez, mais elementos sobre o evento, mas nos deixa a angústia da tele-presença, do querer estar presente e em contato direto, sem mediações, gerando um jogo sedutor de distâncias e proximidades que mobilizam o telespectador a todo instante.

Betti (1998) aponta uma proposição televisiva de um imaginário fantasioso decorrente do envolvimento do sujeito com o evento, pois "a televisão busca fascinar os interesses das pessoas e, para isso, mexe com elementos do inconsciente psíquico, recalques, desejos, fantasias, sem, contudo, levar a experiência e vivências reais, mas sim, indiretas" (BETTI, 1998, p. 37).

O telespectador adentra na experiência do assistir televisão e ensaia um encontro de sua experiência do olhar com a experiência do atleta ao jogar e do torcedor ao vibrar. Esse sutil encontro permanece sempre inconcluso e os sujeitos que deles participam permanecem em constante aproximação da realidade virtual e real.

Assim, nas palavras de Pires

> *Quem assiste ao espetáculo diretamente, consegue perceber a mecânica do jogo na sua totalidade, não apenas a parte onde está ocorrendo o principal envolvimento de atletas. Pode, inclusive,*

> *acompanhar outros fatos, que ocorrem além do espaço próprio de disputa, como movimentação das torcidas. Esse procedimento de modulação da imagem é reproduzido tecnicamente pela televisão através de variações de enquadramento, que significa diferentes ângulos de abertura da lente. Por dispor de diversas câmeras, a televisão consegue fazer diferentes tomadas, esquadrinhando razoavelmente o espaço objetivado. [...] é inerente à indústria cultural a intenção de evitar ao (tele) espectador qualquer necessidade de esforço intelectual, visando eliminar sua capacidade crítico - reflexiva. (PIRES, 2002, p. 97-98)*

É possível pensar nas mudanças de percepção ocorridas a partir dos enfoques que o esporte sofreu ao longo da sua estruturação como espetáculo e, posteriormente, telespetáculo. A principal mudança na percepção desse fenômeno se dá a partir da mudança no seu formato. Nesse ponto, a observação do telespetáculo esportivo evidencia explicitamente o seu direcionamento para o sentido auditivo e, principalmente, o visual, desencadeando uma nova sensibilidade dos sujeitos que apreciam o evento.

A sensibilidade se encontra alterada pelas modificações do meio transmissor. Essa nova sensibilidade, que é conduzida pela construção de um formato que privilegia os estímulos audiovisuais, invoca nos sujeitos uma pseudo-completude do que se mostra, implicando na formulação de simulacros, substituindo o virtual em detrimento do real e, comumente, gerando em nós uma postura acrítica.

Para pensar sobre a formação do simulacro, Duarte Jr. (2001, p. 112) dos diz

> *Simular: fazer de conta, fingir, aparentar. Verbo do qual deriva o conceito de simulacro, fundamental à análise de certas características de nossa modernidade tardia. Assim, o que veio se afirmando até aqui foi que os meios de comunicação constroem, atualmente, simulacros da realidade, através de imagens que intentam não só representar o mundo, mas, quase que num passe de mágica, substituí-los. O simulacro, pois, é colocado no lugar da própria coisa, repousando sua aparente vantagem, no fado de possuir mais atrativos que ela (DUARTE JR. 2001, p. 112).*

Pensamos ser bem isto o que ocorre na formulação espetacular do esporte, a busca pela substituição por intermédio dos apelos estéticos. O simulacro do telespetáculo esportivo que busca distinguir-se do esporte vivencial, como já apontado por Betti (1998) ao falar sobre sua autonomia, também provoca nossos sentidos e incita sensações.

Para a discussão que apresentamos a partir da televisão, pensamos que evoca-se uma proposição diferenciada que nos encaminha para uma outra forma de perceber o que lhe é mostrado. Evidencia-se aí, novamente, a necessidade de percepção das diferenças entre esporte televisionado e o não televisionado, principalmente no que diz respeito à modificação e construção do primeiro a partir do escopo do segundo.

Cabe, portanto, a preocupação de compreender que a televisão busca ofertar, sempre e prontamente, elementos atrativos sob a linguagem encantadora do audiovisual.

> *Inevitável então que se enfoque o tema da hiper-realidade, ou do simulacro: construções virtuais realizadas principalmente pelos meios de comunicação e que se superpõem, como um sonho dourado, sobre a verdade endurecida do mundo real. Haverá que se perceber, aí, de que maneira essa produção industrial de ideais intangíveis ajudam na deseducação sensível, afastando os indivíduos do contato crítico com a verdade das ruas e de si mesmos (DUARTE JR. 2001, p. 19).*

Em eventos presenciais do esporte, toda forma de sensação, com base em todos os sentidos, é requerida na percepção, como por exemplo o contato tátil com outros torcedores. De forma diferente, ao assistir o telespetáculo esportivo, ao telespectador é solicitada a atenção auditiva e visual, os chamados sentidos da distância. Nessa ocasião os demais sentidos, entendidos como sentidos da proximidade não são diretamente aguçados a perceber o fenômeno esportivo, mas nem por isso deixam de comungar da sensação corporal. Esses últimos buscam elementos que não estão disponíveis no espaço dado, buscam eles o contato entre os jogadores, o odor do ambiente de jogo, buscam, por fim, a textura do evento que lhe é telemediado.

Serres (2001, p. 332-333) ao tratar do alcance dos sentidos no espaço, nos coloca que "O espaço dos cinco sentidos constrói o conjunto das distâncias, próximas do gosto e do tato, distanciadas do ouvido, dos cheiros, da vista, onde esse lugar se mexe e é descoberto". Assim pensamos que o formato televisivo

aguça, “mexe”, com a audição e a visão e, desse modo, faz-se descobrir no corpo do telespectador outros modos de perceber o evento esportivo.

Pensamos que uma sensibilidade diferenciada emerge na apreciação televisiva, inclusive na perspectiva de articular outra vivência (telemediada), intitulada por Betti (1998) a partir de Giraldo-Salinas, de diegese. Segundo o autor, diegese é

> *O universo espaço-temporal onde ocorrem os fatos possíveis de serem vistos ou ouvidos através da tela e do auto-falante de um televisor, porém, é um universo que está determinado por um espaço e um tempo que transcendem as imagens e os sons captados pelo telespectador (GIRALDO-SALINAS apud BETTI, 1998, p. 62).*

Pensamos que essa atração exercida pela imagem pode ser considerada a partir da formulação da diegese, considerado-a como “universo espaço-temporal construído pela transcendência de imagens e sons captados pelo telespectador; constitui um ´mundo fictício´, com leis próprias, apenas parecidas com as do mundo ´natural´” (BETTI, 1998, p. 73).

Ancorados no entendimento de que a experiência estética nos sensibiliza a perceber o mundo de formas variadas, tendo os sentidos como aportes significativos dessa percepção, recorremos a Merleau-Ponty (1999)

> *Os sentidos são distintos uns dos outros e distintos da intelecção, já que cada um deles traz consigo uma estrutura de ser que nunca é*

> *exatamente transponível. Nós podemos reconhecê-lo porque rejeitamos o formalismo da consciência e fizemos do corpo o sujeito da percepção. E podemos reconhecê-lo sem comprometer a unidade dos sentidos. Pois os sentidos se comunicam* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 303).

Diferentemente do que comumente se entende no senso comum, quanto à percepção, o autor nos mostra uma forma de perceber o mundo que amplia a concepção de sensação a partir dos sentidos corporais. Merleau-Ponty nos coloca como possuidores de um aparato corporal que trabalha em diferentes níveis e modos de perceber o mundo. Ele mesmo nos alerta, como já foi colocado anteriormente, para o equívoco da classificação e fragmentação dos sentidos corporais para constituir a percepção humana e nos mostra que "a percepção sinestésica é a regra" (IDEM, p. 108).

Essas considerações tornam-se evidentes, ao nosso olhar, quando enfocamos elementos da apreciação estética. Retomemos, portanto, à transmissão televisiva de 07 de agosto de 2005, na já comentada final da Copa América de Voleibol.

Na transmissão, as cenas iniciais, tanto de princípio da partida quanto de retorno dos intervalos, nos sensibilizam com um campo de visão ampliado. Uma espécie de "panorâmica de entrada" no cenário de jogo como se fizesse com que o telespectador também pudesse adentrar o ginásio tal qual o espectador presente na arquibancada, uma perspectiva de imagem que, tal qual a do olho humano localiza-se em um ponto fixo de apreciação.

Imagem 07 – entrando no Ginásio

A nosso ver, mesmo parado na fixidez de sua poltrona, o telespectador pode perceber-se em diferentes espaços físicos do ginásio de onde se transmite o telespetáculo. Essa possibilidade de sensação presencial no evento possível a partir de uma imagem mediada, é compreendida como percepção visual que converge sua sensação corporal e assim, o convida a viver o momento da linguagem visual como experiência corporal unificada.

> *O que significa que cada visão monocular, cada palpação de uma única mão, embora tenha seu visível e seu tangível, está ligada à outra visão, à outra palpação, de modo a realizar com elas uma experiência de um único corpo diante de um único mundo, graças a uma possibilidade de reversão, de reconversão de sua linguagem na delas, possibilidade de reportar e de revirar segundo a qual o pequeno mundo privado de cada um não se justapõe àquele de todos os outros mas que é por ele envolvido, colhido dele, construindo, todos juntos, um Sentiente em geral, diante de um Sensível em geral (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 138).*

Essas sensações sinestésicas oportunizada nas cenas apreciadas no vídeo nos remetam à comunicabilidade dos sentidos corporais como possibilidade de

percepção do evento apreciado. A experiência estética, possibilitada principalmente pelo aporte visual e sonoro da televisão, ecoa por todo corpo e torna-se vivência eminentemente corporal, transubstanciando elementos virtuais em vicerais.

As sensações desencadeadas nos comovem, nos arrancam de um momento de observação para outro de encantamento ou estranheza. Do mesmo modo, essas sensações nos co-movem, no sentido de nos fazer mover juntos, e assim compartilhar seus múltiplos significados a partir de um único evento. Portanto,

> *A vivência estética na contemporaneidade parece estar atrelada a uma nova forma de convivência diante da realidade polissêmica que vivemos, uma criação de novos sentidos e de uma possível originalidade frente às condutas morais historicamente tidas como referências absolutas (PORPINO, 2001, p. 105).*

Ao retomar a transmissão em questão, a todo o momento entram em cena animações computadorizadas que trazem informações adicionais que, associadas ao campo visual da qual se dispõe e a experiência sonora, promovem um destaque ao que se quer evidenciar no processo da transmissão. Esses artifícios retiram o foco da narrativa do jogo em transmissão e colocam em evidência o caráter informativo da veiculação que entrelaça as várias maneiras de como alcançar os sentidos corporais na transmissão televisiva, como mostrado nas figuras abaixo.

Imagens 08, 09, 10, – Imagens que mostram e informam

Há de se fazer relação desse momento com o discurso de Merleau-Ponty. Diz o autor:

> *A visão dos sons ou a audição das cores se realizam como se realiza a unidade do olhar através de dois olhos: enquanto meu corpo é não uma soma de órgãos justapostos, mais um sistema sinérgico do qual todas as funções são retomadas e ligadas no movimento geral do ser no mundo, enquanto ele é a figura imobilizada da existência. Há um sentido em dizer que vejo sons e que ouço cores, se a visão ou a audição não são a simples posse de um* ***quale*** *opaco, mas a experiência de uma modalidade da existência, a sincronização de meu corpo a ela, e o problema das sinestesias recebe um começo de solução se a experiência da qualidade é a de um certo modo de movimento ou de uma conduta (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 314).*

Em nós, a apreciação do telespetáculo esportivo, tal como a veiculação do jogo de voleibol evidenciado, desencadeia uma experiência corporal que extrapola a sensibilidade da visão e da audição. Sentimos-nos tocados pelo vigor das jogadas, preenchidos pelo nervosismo da torcida e ansiosos pelo resultado, tal como personagens do telespetáculo. Nosso sangue ferve e nossos batimentos

cardíacos aceleram, a pupila se dilata e o punho cerra. Ao mesmo tempo, salivamos no aguardo do resultado enquanto seguramos o grito da esperada comemoração. Se isso não é mobilização de todo corpo, então não saberemos dizer-lhes o que o seja.

Assim, pensamos também ser possível fazer alusão à idéia de sinestesia corporal oportunizada na transmissão televisiva no que se refere às formas que os estímulos que alcançam nosso corpo podem desencadear sensações diferenciadas ou complementares, alcançando diretamente vários sentidos.

Porém, é preciso considerar que a apreciação do esporte não substitui a sua vivência, a mobilização do sujeito pela televisão não substitui a sua experiência na situação de um jogo esportivo, por exemplo. Em nosso pensamento essas vivências são complementares, intercambiantes.

O olhar e o ouvir recrutam os outros sentidos e todo corpo, porém a forma de mobilizar os sentidos da proximidade (o tato, o paladar e o olfato) no jogo presencial pelos odores dos jogadores ou pelo contato dos jogadores e torcedores, por exemplo, não é substituída ou vivenciada de maneira semelhante na transmissão televisiva.

Pensamos que as duas formas de problematizar o esporte no espaço escolar não se anulam, complementando-se na verdade, como nos coloca Betti (1998). Porém, é necessário compreender que essas duas formas de vivência

operam de maneira diferenciada. Portanto, cabe-nos recorrer às palavras do autor para ratificar que

> *Apreender o esporte telespetáculo em si, o que implica compreender sua linguagem específica, apreender ao discurso da televisão em busca de sentidos, [...] Implica também aprender a identificar outros modelos de prática esportiva que não o hegemônico, com base nas contradições contidas no próprio discurso televisivo (BETTI, 1998, p. 150).*

Se pensarmos criticamente, a transmissão televisiva opera o recrutamento dos sentidos a partir do olhar e do ouvir para alcançar os corpos dos telespectadores, tal como o ensino do esporte na escola, que se pautou por longo tempo num ensino diretivo que privilegiava o comando sonoro e a repetição por imitação, dirigindo-se assim à audição e à visão dos alunos. Compreendemos que faz-se necessária a retomada de outros sentidos para a tematização do esporte na escola.

Para pensar as implicações das reflexões aqui contidas para o cenário da Educação Física escolar, indicamos que o imbricamento de linguagens, presente na apreciação do telespetáculo esportivo, pode contribuir para compreendermos a necessidade da articulação de várias linguagens em torno das manifestações da cultura de movimento, em especial o esporte, para promoção de uma fazer pedagógico mais rico e menos tecnicista.

Assim, trabalhando na perspectiva do diálogo das realidades e das faces do esporte enquanto simulacro ou enquanto experiência "jogada", pensamos que atendemos a duas questões bastante recorrentes no diálogo com os participantes no mini-curso "Esporte, televisão e educação", a reificação de um modelos de esporte e a consideração da sensibilidade do aluno. Pois, para além de não ficarmos na ingênua postura de considerar o telespetáculo esportivo como referência do que se entende por esporte, também possibilitamos a abertura de outras formas de conhecer o esporte, partindo da sensibilidade do aluno.

Investimos assim no entendimento de que as experiências esportivas telemediadas, mas também as presenciais, convergem para um diálogo sensorial que privilegia uma percepção unificada, pois "os sentidos traduzem-se uns nos outros sem precisar de um intérprete, compreendem-se uns aos outros sem precisar passar pela idéia" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 315).

Modelos de beleza: aparências dos corpos e as performances técnicas

Balizados pela experiência estética, acreditamos na idéia de que as considerações até aqui colocadas só se validam nos eventos em que o telespectador se vê atraído pelo telespetáculo esportivo. Na maioria das vezes, acreditamos nós, isso ocorre por via das exibições de protótipos, que no caso do

esporte se operacionalizam pelos modelos de beleza e de performances técnicas. Pensamos que nas transmissões televisivas, do esporte espetáculo, observadas é possível perceber alguns padrões ou modelos de beleza.

Um exemplo clássico é o foco nos elementos de torcida que comungam de uma mesma estética corporal e comportamental, uma incitação de uma vivência do mesmo, do comum, do esperado. Assim, regressando à veiculação da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano, é possível observar em alguns momentos da transmissão, que a seqüência de imagens sobre os espectadores sobrevoa vários metros de arquibancada em câmera aberta e velocidade regular articuladas com cenas em primeiro plano. Esse destaque feito ocorre porque

> *A torcida tornou-se, ela própria, parte integrante do espetáculo esportivo – a "ola", as bandeiras, as coreografias, os cantos aparecem com destaque na cobertura televisiva do evento esportivo (BETTI, 1998, p. 99).*

As perspectivas de visão possíveis nas cenas apreciadas na TV enaltecem tanto o número de espectadores presentes no evento quanto a seleção de torcedores que apresentam um padrão de beleza baseado na cor branca da pele, nos adereços relativos a sua condição de torcedor, na euforia, na vibração a cada ponto e no elemento patriótico apresentado por faixas e bandeiras, como pode ser observado na imagem abaixo.

Imagem 11 – A torcida dos espectadores

Ainda na transmissão do final da Copa América de Vôlei, no tocante à imagem direcionada aos jogadores, o close nos personagens em jogo é colocado sobre os protagonistas, ou seja, nos possuidores/ articuladores da bola enquanto elemento de fetiche e representante do poder de ação em jogo.

Aí se estabelece uma nova possibilidade de concepção de beleza atrelada ao esporte que, mesmo ainda voltada ao ideal clássico de beleza baseado na perfeição, abre perspectivas de ação deslocando a busca da perfeição do gesto técnico para a sua eficiência.

Pensemos... Se por um lado o deslocamento do foco da perfeição técnica para a eficiência do gesto demanda um aprimoramento das formas de instrumentalização do corpo, por outro, esse mesmo deslocamento oportuniza o surgimento de novas formas de ação, de criação de movimentos, para além da técnica perfeita, o que, dentro da especificidade do jogo, evidencia a plasticidade corporal e sua capacidade criativa.

Em nossa apreciação, percebemos que o atleta é ovacionado pela conquista do ponto e não por seu perfeito desempenho técnico. Nesse sentido Welsch (2001) nos fala que

> *A perfeição estética não é incidental para o sucesso esportivo, mas intrínseca. O que é decisivo para o sucesso esportivo é a perfeita performance. É esse fator sobre todos os outros, que é esteticamente apreciado no esporte [...] No esporte o estético e o funcional andam de mãos dadas (WELSCH, 2001, p. 144).*

Em especial, o jogador que efetiva o ponto, torna-se centro do foco das câmeras em cenas que mesclam sua imagem de comemoração com o "replay" de sua ação. Não raro, as formas de visualização se multiplicam perante o telespectador que tem a oportunidade de rever a jogada inúmeras vezes sob diversos ângulos. Essa ação enaltece a ação do jogador. Cria-se para nós um sentimento de admiração, incitando-se a criação de um novo ídolo a cada instante. Cada novo ponto é momento de enaltecer personagens diferentes, fazendo com que na mesma velocidade das imagens caminhe nossa fugaz idolatria.

Ao longo da apreciação do telespetáculo esportivo, a impressão, aos nossos olhos, é de que os modelos de atletas se confundem com os modelos das técnicas esportivas mostradas ao longo da transmissão. Nesse sentido, é importante chamar a atenção para a possibilidade de utilização do corpo para além das ações comumente solicitadas e as vivências estéticas desencadeadas nos

seus telespectadores; o que nos remete novamente ao termo *estesia*. Concebemos ser necessário e oportuno pensarmos na relação entre o telespetáculo esportivo e seus telespectadores, considerando os atletas de alto desenvolvimento técnico que, ao executarem suas performances corporais, criam em seus espectadores um sentimento dúbio de êxtase e aflição. As sensações provocadas pelo esporte espetáculo são fortemente potencializadas pelos meios de comunicação ao transmitirem, através de inúmeras estratégias, formas espetaculares de apreciação estética.

Sob outra ótica, se pensarmos os fatores estéticos na perspectiva do jogador, percebemos que a relação entre o sujeito e o objeto, da qual emerge a experiência estética, também ocorre de forma evidente. Os jogadores são, ao mesmo tempo, criadores e apreciadores dos gestos. Criadores, na medida em que dão vida aos gestos e apreciadores, no momento em que percebem que sua atuação é significativa, em relação aos outros, para a concretização da jogada. Cria-se também, na apreciação de um evento esportivo, uma comunicabilidade que, entre os jogadores e os telespectadores de um modo geral, ocorre uma comunhão de sentimentos, intenções e sensações. Segundo Soares (2004, p. 01) isso ocorre porque "a força contida no gesto põe em jogo todos os sentidos daquele que o executa e, também daquele que observa essa gestualidade. É como se a profusão de códigos e sentidos ali demonstrados tivesse uma força de persuasão impossível para a palavra".

Talvez seja essa uma das formas de pensar a cumplicidade existente no relacionamento do telespectador com o telespetáculo esportivo. Na verdade, a manifestação esportiva e suas conseqüentes impressões só se caracterizam inteiramente mediante os agentes/ jogadores, suas performances e, principalmente, pelo evento em relação aos espectadores.

O que caracteriza a estética do jogo é "o elemento adicional da performance, que revela todos os tipos de habilidades pessoais, a interpretação individual e a abertura para o evento que eles criam (enquanto é criado)" (WELSCH, 2001, p. 153).

Na perspectiva espetacular, um elemento que se torna fundamental para discussão é a utilização da técnica em jogo. Pensamos na importância desse elemento por ser ele o desencadeador das sensações tanto para quem joga quanto para quem aprecia. Nesse ponto, podemos fazer um paralelo com o que Marcel Mauss (1974) chama de classificação das técnicas corporais[8] em relação ao rendimento. Para o autor "[...] as técnicas corporais podem classificar-se em relação a seu rendimento, em relação aos resultados do treinamento" (MAUSS, 1974, p. 220). Nesse sentido, para o esporte, o que causa estesia, o que é belo, é também o que incita maior rendimento e destreza corporal, numa forma de sensibilizar o espectador a partir do espetáculo corporal.

[8] Termo caracterizado por Marcel Mauss (1994) como sendo as formas como as pessoas fazem uso de seus corpos.

Nessa corrente de pensamento, a maior habilidade torna-se equivalente ao maior êxtase provocado, como ocorre na estesia de uma vitória. Desse modo, o produto espetacular no mundo esportivo se justifica pelo viés da vitória, mas não se restringe a ela, como comenta Welsch:

> *O ponto principal, entretanto, é que, no esporte, o objetivo de ganhar não pode se realizar diretamente, mas somente através da performance esportiva. É a superioridade da performance esportiva de alguém que produz a vitória. Assim a própria obra do atleta é, neste caso, a sua performance, que talvez resulte numa vitória (WELSCH, 2001, p. 151-152).*

Nesse contexto, é possível perceber que o sentido maior do espetáculo esportivo, seja ele televisionado ou não, não passa necessariamente pela disputa do jogo, mas também pelo jogo de interesses de mercado que dele se utiliza. Para percebermos isso, basta regressarmos à torcida da transmissão televisiva do jogo de voleibol do dia 07 de outubro de 2005.

Nela, poderemos observar que, mesmo o Brasil tendo o resultado negativo de 3 sets a 2, perdendo para a equipe dos E. U. A., a ênfase do patrocínio do Banco do Brasil permanece em todos os ângulos da transmissão, nas faixas e em camisas dos torcedores e atletas, bastando para a marca fazer-se presente na disputa simbólica de poder para ser lembrada.

Essa utilização dá-se pela, já citada, representação simbólica de disputa constante de poder. Neste sentido, o espetáculo é pensado como um evento que

> *Possui uma natureza quente, procura impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade, fazendo-nos rir, chorar ou exaltar. Um bom espetáculo deve aumentar nossa carga emotiva, faz crescer nossas emoções e, no final, permitir sua descarga, embora ao longo do mesmo existam descargas parciais da emotividade. Um espetáculo que não nos comove deixa de sê-lo e torna-se sem graça, contra nossos gostos, contra aquilo que esperamos que proporcione (LOVISOLO, 1997, p. 83).*

Nesse cenário telespetacular do esporte, geralmente promovido pela divulgação midiática, até o trágico sacrifício humano (MELO, 2003) no esporte rendimento tem conotação de algo belo. É o que Soares (2002) chama de estetização do sacrifício, referindo-se aos excessos corporais proporcionados, ocultando dor e reprimindo a expressão de seu corpo, em severos treinamentos para a perfeição técnica. Por outro lado, os atos imperfeitos, feios ou incorretos podem assumir o status de belo no esporte por meio de sua eficácia, sua performance. Por outro lado, a transgressão do gesto técnico oportuniza novas apreciações estéticas que diferem da tradicionalidade da perfeição técnica.

É com base nos argumentos expostos, trabalhados sob a lógica dos modelos de beleza corporal e técnica, que apontamos a intensidade de sensações provocadas pelo esporte e potencializadas pelo esporte enquanto espetáculo, caracterizando a estesia no sujeito.

No entanto, ao falarmos sobre os protótipos de beleza que se mostram na veiculação esportiva televisiva, é necessário considerar o contexto da transmissão. Para tanto, tomemos como base para nossa discussão a veiculação do esporte espetacular de 11 de setembro de 2005 que propõe a um grupo de

publicitários que cada um formule uma campanha publicitária em favor de cada um dos cinco atletas indicados para compor o quarteto de ataque – Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano e Robinho - tendo como intenção, auxiliar o então técnico da Seleção Brasileira de Futebol, Parreira, na escolha do elenco titular da equipe nacional.

As imagens a seguir são exemplos de modelos jogadores que se pretendem para o ideal do ataque brasileiro na Seleção Brasileira de Futebol durante a Copa do Mundo de Futebol da Alemanha, 2006.

Imagens 12, 13, 14, 15, 16 – ídolos de um ataque "ideal"

A nosso ver, os jogadores evidenciados, nesse contexto, podem ser considerados como mercadorias dentro de um jogo publicitário, pois "a publicidade engendra modelos de desejo, cuja produção (sistemática) viabiliza-se no processo pelo qual o gosto atribuível a um universo de receptores (o ´público alvo´) é transferido à mercadoria, como sua propriedade intrínseca" (ALVES, 2003, p. 206).

Enquanto dramatiza o percurso da seleção brasileira rumo à Copa do Mundo da Alemanha – 2006, um ícone atual do telespetáculo esportivo, a transmissão mercadoriza os elementos do próprio telespetáculo que, nesse momento, são os próprios jogadores.

Campelo (1996), constata que a partir de uma transmissão televisiva, é possível construir a reflexão de que

> *Pode-se, a partir das muitas imagens captadas na TV, catalogar vários momentos do corpo que a TV mostra como sendo o corpo das pessoas comuns. Na verdade, também sendo um corpo eletrônico tem a complexidade que embasa o corpo do homem. Também ele tem prismas que remetem para longe e surpreende. Ler o corpo na TV é preparar-se para inúmeras viagens pelo espaço-tempo, de onde surgem muitos corpos: lá está nas imagens registradas, um corpo dentro dos ideais gregos corporificado no futebolista, num passe perfeito... (CAMPELO, 1996, p. 95)*

Nessa transmissão, em especial, o que se explora é a valorização das características individuais dos jogadores, o que se operacionaliza pela propaganda

de produtos a partir dos corpos dos atletas citados ou de suas ações. Assim, cada campanha publicitária enfocaria as qualidades dos atletas em questão para ajudar na escolha dos titulares na Seleção Brasileira. O resultado desse jogo proposto pelo Esporte Espetacular ficaria a cargo dos telespectadores que votariam pela internet ao final de todas as exibições.

Para iniciar, a campanha destinada a dar destaque a **Ronaldinho Gaúcho** nos mostra uma proposta de outdoor com o jogador em primeiro plano, em comemoração, sob várias outras imagens do mesmo atleta em ação.

O enunciado do outdoor retrata a necessidade de convocação de Ronaldinho Gaúcho, e mostra: "QUADRADO REDONDINHO, TEM QUE TER RONALDINHO". O trocadilho da expressão, para além da proximidade dos símbolos geométricos propõe a idéia de que, para que o quadrado fantástico dê certo, é necessário a inclusão de Ronaldinho Gaúcho.

Imagem 17 – O quadrado "redondo" de Ronaldinho Gaúcho

Nesse contexto, o quadrado faz referência à composição do ataque por quatro atletas enquanto que o "redondinho" faz referência ao modo como esse quadrado irá se portar durante os jogos, entendendo que "redondinho" quer dizer que tudo transcorrerá sem problemas.

As imagens que antecedem a campanha publicitária destacam a comemoração do atleta, bem como demonstrações de alegria do atleta em jogo, mostrando para isso, desde as acrobacias corporais até o samba da comemoração a cada gol. Cabe, assim, resgatar os escritos de Welsch (2001) para nos esclarecer que

> *Admiramos a elegância de uma esguia saltadora em altura quando, subindo e descendo, desliza seu corpo suavemente sobre a barra; ou a potência da célere corredora cujas pernas espantosas explodem quando sentem se aproximar a linha de chegada – e essa é a razão de todo esse gosto em observar, inspecionar, mirar seus belos corpos durante e depois do evento, de modo que assim se possa melhor compreender suas realizações e melhor se surpreender ao vê-los cruzar tão inteiros e infatigáveis a linha de chegada. Nesse sentido, nós, como telespectadores, temos a razão em concentrar-nos na realidade dos corpos. E os atletas têm razão em buscar a perfeição de seus corpos e mesmo de exibi-los. No esporte, o estético e o funcional andam de mãos dadas (WELSCH, 2001, p. 144-145).*

Ao nosso olhar, fica destacada a contribuição do jogador para a formação do quadrado mágico, tendo como diferencial a técnica aliada à simpatia e a alegria de jogar como elementos necessários à vitória. As sensações desencadeadas durante a campanha publicitária são de segurança na ação do jogador, bem como na alegria das comemorações do gol. O ideal de beleza se

estabelece na harmonia dos gestos e na perfeição técnica associados, no entanto, ao prazer do jogar, à criação do gesto e à eficiência do mesmo.

Na campanha que enfoca **Ronaldinho Gaúcho**, a percepção nos sugere a admiração, nos convida a festejar o gol, e nos aponta uma possibilidade de utilização da técnica criativa de jogo, enaltecendo a diversidade, as possibilidades de ações corporais e a exultação dos corpos que jogam.

Em outro momento da mesma transmissão, na campanha destinada a promover o atacante **Adriano**, foi vinculado um vídeo publicitário para argumentar a favor de sua escalação como titular da equipe principal. A imagem base é a do atleta em primeiro plano, sem camisa e com semblante fechado, fazendo parecer uma postura pouco simpática. Sobrepostas a essa imagem se destacam informações acerca do atleta, características físicas e valências corporais que o colocam como bom representante de um ataque vitorioso. A campanha explicita:

"ADRIANO, 1,89 m. Altura de jogador de basquete".

Imagem 18 – A altura de Adriano

"ADRIANO, 89 kg. Físico de jogador de basquete"

Imagem 19 – O Físico de Adriano

“ADRIANO, parece jogador de basquete. [Só faz de três]”.

Imagem 20 - Adriano, jogador de basquete

“ADRIANO - TITULAR”.

Imagem 21 – Adriano, titular

Um olhar em direção a essa transmissão nos sugere uma identificação das valências físicas e características corporais como indicadores de eficiência do jogador. Faz-se, ao nosso olhar, uma associação dos padrões de beleza socialmente aceitos e uma apologia a sua busca por suporem força, agilidade e eficácia. Nesse sentido, o modelo de corpo de **Adriano**, conduz também a uma associação de forma física com habilidade técnica, incitando no telespectador a busca por esse padrão corporal. A esse respeito, Porpino (2001) confere que

> *Basta que nos lembremos um pouco do “body building”, da onda do “fitness” para esculpir o corpo, para torná-lo simétrico, dentro das medidas de uma beleza idealizada e fundadora de uma boa aparência, ou seja, de uma aparência atlética de um corpo que*

> *agrada pela sua proporcionalidade e aptidão (PORPINO, 2001, p. 97).*

A ênfase nas características físicas do jogador em questão universaliza um modelo de corpo propostamente eficiente ao destacar que, apesar de todas as suas características de um jogador de basquete, o atleta preenche todos os requisitos para compor o quarteto fantástico da Seleção Brasileira.

Voltado à transmissão, sobre o mesmo fundo, transpassam imagens do atleta vitorioso em seqüência desordenada, passando a impressão de que elas se realizam a todo tempo. A forma como é apresentado o vídeo incita a sensação de robustez e força do atleta, fazendo entender o mesmo como elemento importante na formação do ataque da seleção por suas características físicas temíveis aos adversários e favoráveis à efetivação dos gols, sendo ainda uma referência, um protótipo de corpo belo e eficiente.

De maneira geral, e associando a narrativa, a imagem e sons da transmissão, a sensação desencadeada em nós a partir da campanha é a de confronto, de embate entre o atleta destacado e a defesa adversária, formulando certa apreensão própria das cenas de combate.

Em outra campanha dessa mesma transmissão, destinada à defensoria da convocação de **Kaká**, a lógica utilizada é a do atleta enquanto objeto atrativo ao público feminino.

Assim, tendo como slogan “Movimento Nacional: ESKALA **KAKA**, ELE TRAZ MULHER PRA **KA**”, a campanha publicitária desenvolveu toda a lógica de vendagem do produto na associação entre habilidade e beleza do corpo.

Imagem 22 – “Eskala” Kaká

No vídeo da campanha, mostra-se um telespectador que vive uma subida na sua alta estima a partir da aparição de Kaká em campo, o que ocasiona a aparição de várias torcedoras ao seu lado. A lógica tem como pressuposto que além de o jogador ter habilidade técnica para estar entre os titulares, ele também pode ser considerado um elemento de atração do público feminino, aumentando, de uma forma e de outra a estima do telespectador.

Imagens 23, 24 – A auto-estima do telespectador

As imagens demonstram uma satisfação do torcedor atrelada à beleza do jogador em discussão, uma espécie de espelhamento do telespectador com o objeto de apreciação. Estaria no jogador um ideal de satisfação que elevaria sua estima, segundo a campanha publicitária, e que por si só já justificaria sua busca por um padrão de beleza balizado no jogador mostrado no telespetáculo esportivo.

> *A mediação empenhada pelos meios de comunicação de massa na necessidade dos indivíduos por corresponder a uma expectativa de corpo é importante e deve ser compreendida, também, em seus efeitos mais fundamentais, relacionados com a auto-estima. O que se pode perceber é que há estratégias de marketing em torno de "padrões de beleza" criados de normatividade da ciência, sendo que essa passa depois, a ser influenciada por aqueles mesmos padrões que ajudou a fundamentar, contribuindo, dessa forma, para uma nova relação dos indivíduos com sua dimensão corporal (SILVA, 2001b, p. 57-58).*

Remetendo-nos novamente à campanha publicitária em favor do atacante **Kaká**, no fechamento da campanha mostra-se um vídeo que associa várias cenas de comemoração,

envolvendo abraços e beijos entre os torcedores e jogadores de futebol, como mostrado nas imagens abaixo, seguidos da seguinte frase: “NÃO SERIA MAIS LEGAL TER MAIS MULHERES ASSISTINDO FUTEBOL?”

Imagens. 25, 26, - Abraçar para comemorar junto

As cenas sugerem, ao nosso olhar, também um apelo sentimental em favor do público feminino; assim as imagens geram sensações de conforto vinculado ao padrão de beleza do atleta. Para nós, destaca-se uma supervalorização da beleza corporal de forma não convincente na relação com a escalação do atleta.

Percebemos explicitamente um apelo estético do aparato televisivo ao enfocar a beleza corporal do atleta e do exaltar outros sentidos e, inclusive, outros sentimentos, como a relação com o sexo oposto, para alavancar o olhar do telespectador para o evento esportivo.

Já na campanha formulada em prol da escalação do jogador **Ronaldo**, os publicitários optaram por enfocar o seu conhecido codinome de “fenômeno”. O jogador, sendo uns dos mais famosos dentre os jogadores, ganha um destaque em nível mundial com referências de todas as partes do mundo.

Assim, a argumentação nessa campanha publicitária, o enfoque é no desespero que os adversários poderiam ter diante da figura do "fenômeno" em ação, em que mostra - se Diego Maradona rezando.

Imagem 27 – Medo e Fé de Maradona

No vídeo propriamente dito, o que se visualiza é uma seqüência de datas e lugares, marcando os registros de ocorrências de destruição provocada por fenômenos naturais. Segue-se na listagem dos desastres uma transmissão de fundo negro e contraste com os escritos: "2004 – INDONÉSIA – *TSUNAMI;* 2005 – ESTADOS UNIDOS – *KATRINA*; 2006 – ALEMANHA – *FENÔMENO ARRASA O MUNDO*".

Imagens 28, 29, 30- Fenômenos

Na seqüência do vídeo da campanha seguem-se imagens de Ronaldo em vários dribles desconcertantes seguidos de gols. A idéia do vídeo é uma

metáfora de Ronaldo enquanto "fenômeno" que, assim como o *Katrina* e a *Tsunami*, pode destruir com várias nações a partir de seus lances imprevisíveis durante a esperada copa de 2006. Deixa-se explícito que, assim como os fenômenos naturais, o "fenômeno" Ronaldo também não pode ser detido por seu caráter tempestuoso e inesperado, restando aos atingidos apenas se reestruturarem após o encontro com o "fenômeno".

Emerge um sentimento de medo e apreensão da ação do jogador. Assim, percebemos emergir por conotação, o que Belloni (1998) chama de uma estética da violência. Para a autora

> A estética da violência é uma das fórmulas de maior sucesso da TV e do cinema pós - TV [...]. O sucesso da violência como estilo estético e como símbolo ou metáfora do mundo contemporâneo parece incontestável: os números de audiência e bilheteria o comprovam. Em termos estéticos, a repetição e o uso abusivo dessas figuras de estilo tendem a banalizar o efeito no espectador, que acaba achando engraçadas as cenas de terror (BELLONI, 1998, p. 44).

Compreendemos que, no caso de nossa discussão, a violência é utilizada como metáfora para a eficácia do jogador explicitado, sendo possível imaginar a criação de uma estética não só do sacrifício de seu próprio corpo, como discutido anteriormente, mas também do corpo do outro, do adversário.

A sensação desencadeada no vídeo remete ao medo do confronto com o fenômeno e uma posterior associação da técnica do jogador com a sua ferocidade de fazer gols.

A última campanha publicitária, enfoca o atacante **Robinho** como atleta que deve ser escalado como titular na seleção. O mais novo atleta apontado, dentre os jogadores, ganha nessa campanha um status de surpresa, de promessa. A campanha faz referência a imagens de grande repercussão no cinema mundial ("E. T. – O Extra- terrestre" da Universal Studios) para fazer analogia à pedalada do Robinho, enquanto habilidade que diferencia o atleta.

Na transmissão, mesclam-se momentos de leitura de códigos lingüísticos formais sob o fundo preto, com imagens do atleta em questão durante uma partida de futebol e ainda imagens cinematográficas como analogia.

Esse misto de proposições do texto visual cria a relação estabelecida entre a pedalada do E. T. na cena em que ele consegue voltar para sua casa pedalando em uma bicicleta em noite de lua cheia e a pedalada do Robinho em campo, enquanto drible do futebol.

O jogador ganha, virtualmente possibilidades fantásticas de utilização de seu corpo a partir de um discurso televisivo, sempre em uma perspectiva de maior rendimento, em uma lógica de espetacularização instrumental que transforma-se em ícone da expectativa do corpo que joga.

> *O que se universaliza é a imagem iconográfica do corpo, o que permanece é uma expectativa do corpo, apenas desejada e não existente, como todo universo da mídia [...] O fundamento dessa expectativa hodierna de corpo nos dois sistemas – médico e de comunicação – é o mesmo: sua percepção dá-se por uma racionalidade restrita, subjetiva e instrumental (SILVA, 2001b, p. 61).*

O vídeo apresenta a proposição de que a pedalada do E. T. era a mais importante de todo mundo. No entanto, por apologia, agora a pedalada do Robinho se torna a mais admirável. Nas cenas específicas de Robinho em campo, imagens em câmera lenta sob diversos ângulos parecem nos convidar a entrar no mesmo transe e falta de ação pelo qual passam os adversários do atleta, inebriados pela a habilidade do mesmo.

A mensagem, por fim, explicita que Robinho não é desse mundo e que suas habilidades para o futebol também não são. Isso justificaria para os publicitários a escalação dele dentre os quatro atacantes titulares da seleção, incitando até uma conquista do hexa - campeonato por esse motivo.

A sensação de surpresa e curiosidade perante as imagens gera uma aproximação do sujeito que observa com o elemento de discurso. Assim, em nossa apreciação estética, percebemos ser esse último o vídeo que nos provoca maior envolvimento dentre os cinco supracitados, associando um mundo fantasioso, não real, com ações próprias do ser humano. A inesgotável identificação do espectador com momentos superlativos no cinema e na apreciação de um jogo o coloca em intensa admiração pelas imagens da campanha.

De uma forma geral, o que se pode perceber é que, nessas linhas de persuasão do telespetáculo esportivo, a manifestação comentada dos personagens que compõem o telespetáculo esportivo enfoca o extravasamento de sua atitude técnica, buscando em alguns momentos, qualidades outras para se agregarem ao esporte, compondo a formação de um ídolo.

Nesse sentido, o formato televisivo consegue, por sua imbricação entre visual e o sonoro, formular novos modos de enaltecer o atleta que, não somente pela vitória e medalha, evocando também sentimentos comuns, não necessariamente são específicos da prática esportiva. O modo como se mostra o

evento esportivo faz com que nos aproximemos mais ou menos de determinados personagens e valorizemos ou não outros.

Como comentado anteriormente, é uma realidade que se apresenta sob as condições de transmissão e nos atinge também de modo diferenciado, oferecendo-nos modelos de esporte, um modo de ação e de corpos.

Esses modelos ofertados por apelos estéticos presentes na transmissão televisiva, em parceria com a publicidade, transportam-se para outras instâncias a partir da projeção possível pelos meios de comunicação. Não somente o corpo é fonte de determinações estéticas, os adereços acrescidos à estética corporal do atleta, tal como vestimenta e calçados, também merecem protótipos a partir dos atletas de referência em cada modalidade. No entanto,

> *Se a publicidade incide sobre a renovação dos gostos, e isto exerce um papel ativo na transmissão/ renovação da cultura, esse processo se desenvolve num percurso tortuoso; longe de se imprimirem linearmente sobre os contextos de sua recepção, os construtos ficcionais da publicidade são passíveis das variadas apropriações, que se relacionam à multiplicidade desses contextos e à impressão da seletividade, fundamentalmente estética, que se inscreve em cada peça publicitária (ALVES, 2003, p. 207).*

Assim, acreditamos que o modo como a recepção ocorre na relação entre telespetáculo esportivo e o telespectador, marcada pela experiência estética, é que baliza a identificação ou não para com os apelos estéticos, e consequentemente a aderência ou não aos modelos apresentados pela publicidade televisiva.

A televisão associa ao esporte modelos de beleza não necessariamente específicos desta prática, como uma cena de cinema, um acontecimento significativo que faça com que o telespectador tenha também o esporte como modelo a ser apreciado, por associação.

Vale neste momento regressar ao exemplo da Meia-Maratona do Rio de Janeiro, veiculada no Esporte Espetacular de 14 de agosto de 2005. Nessa transmissão, a vestimenta diferencia-se dentre os competidores. No entanto, o padrão adotado pelos atletas profissionais patrocinados, que compõem camiseta regata e short leve impregnado de marcas é seguido pelos demais competidores, passando uma sensação de leveza para os telespectadores e, no que diz respeito à padronização, de certa ditadura, um novo modelo que se intitula de moda; nesse caso a esportiva.

> *A moda é a imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de aprovação na sociedade; conduz o indivíduo pela vida que todos seguem e cria um módulo geral que reduz a conduta de cada um a um mero exemplo de uma regra. Mas ao mesmo tempo satisfaz a necessidade de distinguir-se, a tendência à diferenciação... (SIMMEL, apud PITOMBO, 2003, p. 171).*

Não só no vestuário, mas em quase todos os elementos que compõem o cenário do espetáculo que se mostra, evidenciam-se os modelos. Assim, numa leitura do telespetáculo é elementar uma formação de protótipos de corpos e técnica esportiva, perfis que muitas vezes se transpõem para o cenário escolar irrefletidamente. Cremos que, a partir da leitura crítica desses modelos, seja

possível inverter esse cenário e questionar sobre as diferenças dos contextos nos quais se inserem as duas realidades. Em verdade, o confronto de realidades pode abrir margem para a visualização de outra concepção de esporte que não se esgote nos modelos midiáticos.

Nesse sentido, Porpino (2005) nos indica

> *[...] alguns pontos para a reflexão em torno do esporte na escola, tendo como base a inadequação dos modelos do esporte de alta performance nesse contexto. O primeiro deles é a valorização de uma estética objetivista, centrada no objeto e em modelo pré-definido de beleza a ser copiado e almejado acriticamente. Entendemos que a escola é um espaço para a reflexão e vivência de múltiplos referenciais de beleza e de uma concepção de estética que abarque a reciprocidade entre o sujeito e o objeto, a coisa percebida e aquele que percebe, como forma de incluir o sujeito como parte integrante e necessária [...] O segundo ponto a refletir é sobre a priorização de aspectos normativos e utilitários em detrimento da valorização de aspectos ligados ao gosto ou à vivência estética e lúdica, que se dá nas múltiplas possibilidades de escolhas, de interpretações e criação de beleza (PORPINO, 2005, p. 130).*

Para isso, é necessário considerar que o aluno não deve ser pensado como sujeito refém dos modelos, mas que, a partir de um olhar sensível, seja capaz de criticá-lo e contextualizá-lo. Em nosso trabalho, preferimos pensar na relação entre o telespectador e o telespetáculo como um diálogo que enaltece a intenção do olhar do apreciador perante as imagens e em que

> *O espectador, ao contemplar algumas imagens, estabelece hipóteses, confronta a realidade com as suas experiências prévias, faz previsões sobre o que vai acontecer, seleciona os dados pertinentes e despreza os acessórios, liga os dados para estruturar*

> *situações, generaliza, induz, deduz, situa elementos dispersos dentro de um contexto, completa os vazios deixados pelas elipses narrativas, estabelece relações entre as imagens e a realidade que conhece... (FERRÉS, 1996, p. 87)*

Ao nos remetermos a essa relação de atividade recíproca estabelecida entre o telespectador e o que lhe é mostrado, pensamos que a proposição da atividade condicionante predicada à televisão é apenas um reflexo de sua engrenagem particular que se utiliza da imagem; esta imagem que almeja sua universalidade mesmo trabalhando a partir de suas particularidades (AUMONT, 1993).

Em especial, a mídia televisiva em associação com a publicidade vem trabalhando sobre modelos de desejos que se transportam para todos os cenários sociais a partir da imagem veiculada. No entanto,

> *O público-alvo circunscreve as possibilidades de um modelo de comportamento que vem a se atualizar no domínio da recepção. Tendo-se em conta ainda que a recepção da publicidade ocorre com uma larga margem de independência do consumo efetivo dos produtos que ela anuncia, seu papel de difusora de modelos interpretativos do mundo torna-se ainda mais relevante (ALVES, 2003, p. 207).*

Desse modo é perceptível que, mesmo trabalhando sob a lógica dos modelos, a transmissão televisiva não opera de maneira tão imperiosa perante seus telespectadores. Assim, consideramos a hipótese de que a televisão trabalha com modelos e que, em parceria com a publicidade, indica padrões de comportamentos, gostos e desejos, ou seja, a associação da mídia televisiva com a publicidade tem na experiência estética do telespectador/ consumidor um ponto imprescindível para a venda de produtos, bem como para veicular valores e pensamentos que lhes são necessários. Entretanto, o telespectador pode apresentar-se como sujeito ativo no

processo recíproco de comunicação; perante ele é possível pensar nos modelos como propostas operativas. Dito isto, cabe ressaltar que atualmente exige-se um olhar sensível à transmissão televisiva, e que essa possibilidade de aguçarmos esse nosso olhar é a proposição de uma educação estética que forneça bases para essa leitura crítica.

***

A partir da nossa apreciação, percebemos que evidenciam-se modos diferentes de perceber o esporte, de interpretá-lo e até de vivenciá-lo a partir de sua emergência como espetáculo. Quando este é televisionado, apresenta-se, cria-se, uma pseudo–realidade perante os espectadores. No caso do espetáculo, essa nova realidade cria autonomia e reflete a realidade da qual se originou.

Percebemos, ao longo das discussões, que o telespetáculo esportivo nos possibilita uma abertura para perceber diversas nuances do esporte. Ao nosso olhar, o esporte telemediado declara proposições de modelos de corpos e técnicas; indica outras perspectivas de espaço e tempo; possibilita, através de suas articulações de linguagens, sensações diferenciadas e permite o aflorar de um sentimento de pertencimento para com o evento esportivo.

Acreditamos que essas reflexões estão presentes, em maior ou menor grau, em toda apreciação do esporte sob linguagem televisiva. Assim, ao entendermos e apostarmos que estes elementos podem ser constitutivos para uma

melhor compreensão do telespetáculo esportivo, podendo inclusive proporcionar outras formas de concepções para o ensino do esporte na escola, é que concebemos como indispensável a sua problematização no espaço escolar.

Perspectivando novos horizontes para a Educação Física

Não podemos admitir que nos encerrem nas muralhas de um castelo enquanto todos os outros estudiosos partem em busca de novos horizontes. Isto é: não deixemos de praticar esporte [...] Não deixemos de assistir à prática do esporte, mas justamente na defesa do esporte, sejamos e mais ambiciosos; para criarmos e recriarmos actividades corporais, e entre elas as que maior interesse suscitam as esportivas (ROSÁRIO, 2004, p. 15).

As reflexões deste exercício de apreciação estética se desdobram necessariamente para o contexto educativo e clamam por atitudes que partilhem de lentes sensíveis para o trato do esporte na escola porque "a educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seus corpos, como suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto" (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 205).

Acreditamos que, tal como trabalhamos anteriormente, a apreciação do telespetáculo esportivo como forma de evidenciar a vivência estética do sujeito/ telespectador frente à transmissão televisiva se constitui uma atitude educacional que valoriza o aluno e suas impressões sobre o evento. Do mesmo modo, pode articular não só os saberes discentes com os docentes, possibilitando oportunizar uma consideração afetiva do sujeito em um entrelaçamento recíproco com objeto de apreciação, pois

> *Em síntese, o ato de educar (noema-noesis-noema) não pode ser aprendido na separação sujeito/objeto, tal como se dá na visão cartesiana que invoca a cisão entre o sujeito e o mundo percebido. Neste sentido, o homem não pode ser sujeito de si próprio, pois a existência do homem supõe a de mundo. Da mesma forma, poderíamos dizer que não há mundo sem homem, ser que é produtor da cultura (MARTINS apud NÓBREGA, 2005, p. 73).*

Assim, a continuidade desse percurso, tal como intuímos, acarreta novas implicações para a educação, principalmente no que diz respeito à relação da experiência sensível com o conhecimento.

Faz-se necessário considerar o sujeito como agente responsável por seu processo de aprendizagem e partícipe de uma construção coletiva dos conhecimentos trabalhados em âmbito escolar. Portanto, suas experiências com o objeto de estudo constituem um rico campo de investigação, considerando que saberes advindos do mundo vivido do aluno poderão compor o corpo de conhecimentos tratado pela escola.

É nesse sentido que destacamos como necessário considerar a sensibilidade do aluno como forma de contribuir para que ele mostre um saber que "se revela como um captar o mundo, ou certas particularidades suas, de modo inteiro ou global, sem a dissecação analítica implicada no exercício de uma razão especializada" (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 193).

Ao tecer considerações quanto à compreensão de conhecimento Luckesi (1993) nos fala que

> É preciso ter cuidado com a questão do conhecimento, pois que dessa compreensão dependerá a forma de trabalhar com os alunos no processo de ensino/aprendizagem. Como já dissemos anteriormente, o conhecimento deve ser um modo de existir e de ver o mundo por parte de cada cidadão. E, para tanto, há de se apropriar do conhecimento de uma forma existencial. Ele deverá

> passar a fazer parte da vida de cada ser humano (LUCKESI, 1993, p. 131).

De fato, a forma de se compreender o conhecimento pode definir as atitudes frente a sua apreensão. Dessa forma, o formato atual do entendimento de conhecimento tem-se fundamentado, prioritariamente, na racionalização exacerbada. Ao seguir os preceitos da explicabilidade, confiabilidade e da mensuração, a razão lógico-formal foi cada vez mais se tornando fonte suprema dos saberes. Ao contrário, os saberes sensíveis, míticos e simbólicos foram segregados da construção do conhecimento, principalmente nos científicos e escolares, considerados menores ou não confiáveis. A esse respeito, citamos Nóbrega (2000, p. 71) ao afirmar que "o resgate da sensibilidade faz-se urgente, dentro de uma sociedade racionalizadora, como forma de ampliar as percepções do sujeito frente às investidas do poder dominante". Essa necessidade imperativa da consideração sensível do sujeito torna-se ainda mais evidente no cenário educativo.

Deixando por ora as reflexões acerca da educação estética/ sensível, apontamos como outro recorrente ponto de discussão na educação, ao nos referirmos ao telespetáculo esportivo, a consideração das rápidas e constantes transformações tecnológicas que permeia o âmbito educacional atualmente.

Sobre os desdobramentos das transformações ocorridas na época contemporânea no campo educacional, entendemos a necessidade de pensar a

educação como processo contínuo que gera mudanças nos indivíduos, mas que também sofre modificações internas. Assim, as transformações tecnológicas das quais falamos, além de proporcionar novas formas de acesso às informações, também creditam novas demandas educacionais para as propostas educativas que se pretendem atuais e/ou pertinentes ao contexto hodierno.

Ao observar o panorama histórico do processo educativo visualiza-se no decorrer do século XX uma forte massificação dos meios tecnológicos na vertente da comunicação (CAMBI, 1999). Estes últimos, atualmente se mostram como elementos educativos em potencial, apresentando-se tanto no ensino sistematizado formal como, e mais intensamente, no cotidiano social.

Como dito, a expansão apontada tem a conseqüência primordial à disseminação de informações ao grande público. Desse modo, a centralidade que a instituição escolar conquistou no cenário social foi, de certa maneira, questionada pela projeção e alcance dos meios tecnológicos de comunicação que formularam um outro modo de compreensão de mundo e possibilitou ao aluno uma forma de educação que não se restringe ao espaço escolar. Essa conseqüência pode ser facilmente percebida, para fins de nossa reflexão, na percepção de esporte que os alunos já se apropriaram fora do ambiente escolar, fortemente influenciada pelo escopo do telespetáculo esportivo.

A partir de reflexões como essas é que se deflagra a urgência da compreensão do fenômeno esportivo telemediado pela Educação Física. Por

pertencer ao grupo das práticas corporais tematizadas pela Educação Física, fazendo assim parte da cultura de movimento, o esporte em suas diversas manifestações, inclusive na interface midiática, deve ser compreendido enquanto fenômeno socialmente construído para sua abordagem crítica no espaço escolar.

Pensamos que talvez a idéia de consideração dos meios de comunicação, em especial a televisão, em ambiente educativo possa contribuir para a uma construção conjunta da concepção de esporte, já que "pela crescente capacidade de fornecer o espetáculo esportivo em sua totalidade, inclusive a sua dimensão virtual, usufruindo da tecnologia a seu serviço, a mídia passa a ser principal produtora dos sentidos e significados válidos/ validados socialmente sobre esporte" (PIRES, 2001, p. 102).

Acreditamos que a junção das duas demandas educacionais atuais já apontadas - o resgate da sensibilidade e compreensão da abordagem do esporte em sua interface espetacular telemediada, responde à emergência de compreensão desse novo formato esportivo ao mesmo tempo em que cultiva um projeto educativo que esteja comprometido com o sujeito e sua sensibilidade.

Percebemos que, sendo o telespetáculo esportivo uma realidade virtual que nos atinge a sensibilidade de forma significativa, a problematização dos elementos que constituem o esporte telemediado apresentados no capítulo anterior pode contribuir para refletimos sobre o ensino da Educação Física sob um viés estético.

No que pode ser percebido a partir dos registros coletados no mini-curso não se encontra, entre os participantes, um consenso no modo operante para abordar o telespetáculo esportivo na escola. No entanto, é possível elencar algumas atitudes consideradas importantes pelos participantes na abordagem do esporte na escola, considerando a sensibilidade dos alunos.

Segundo o discurso dos participantes, indica-se a consideração do fascínio dos alunos pela televisão como o ponto de partida para o desencadeamento do processo educativo ao tematizarem o telespetáculo esportivo, propondo ainda o confronto da realidade virtual (telespetáculo esportivo) com a realidade escolar (esporte da escola) como possibilidade de rica contribuição educativa. Acrescentamos a essa constatação a necessidade de, a partir desse confronto, realizar uma leitura crítica do que está posto na veiculação da mídia televisiva sobre o esporte frente à realidade que cerca os alunos/telespectadores.

A leitura que fazemos é que existe uma compreensão de que deve emergir da relação entre telespectador/ aluno e telespetáculo esportivo à proposição do trabalho, considerando a percepção dos alunos nesse contexto. Em um escopo de "educação física capaz de articular pedagogicamente a vivência corporal, o conhecimento e a reflexão acerca da cultura corporal de movimento, estabelecendo relacionamento crítico com as mídias" (BATISTA & BETTI, 2005, p.139).

Na posse dos registros, transparece ainda uma questão recorrente no discurso dos participantes, a consideração dos aspectos negativos e positivos da televisão, ao trazê-la para o espaço escolar. Essas questões são colocadas por Ferrés (1996) ao ressaltar que

> *No meio escolar a tendência é adotar atitudes maniqueístas diante do fenômeno da televisão [...] as atitudes extremistas acabam confluindo, levando a resultados semelhantes. A atitude mais adequada é a aceitação crítica, o equilíbrio entre o otimismo ingênuo e o catastrofismo estéril, um equilíbrio que assuma a ambivalência do meio, as suas possibilidades e limitações (FERRÉS, 1996, p. 11-12).*

Em nossa experiência dialógica com os sujeitos presentes no mini-curso, essa inquietude se mostrou constante e ao mesmo tempo condizendo com o que é colocado por Ferrés (1996). Em verdade, manifesta-se nos registros uma preocupação com a tematização dos discursos televisivos sobre o esporte que, mesmo contendo possíveis elementos que distorçam a compreensão do fenômeno esportivo, deva ser realizada sob uma ótica que fuja da apreciação ingênua perante as intenções da transmissão.

A nosso ver, o núcleo de sentido apontado por essa última questão, a partir dos indicadores já citados, é a compreensão da diferença entre o esporte *da* mídia e o esporte *na* mídia.

A partir dessa distinção, já apontada por Betti (2001), é que perspectivamos, à luz do que já foi colocado pelos participantes, uma proposta de

diferenciação que considere a sensibilidade dos alunos. Sensibilidade esta, que reconhece as modificações do fenômeno esportivo a partir de seu formato de apresentação, mudando a experiência do mundo real para o virtual, como uma segunda possibilidade de experienciar o esporte.

Assim, a visualização da imagem esportiva é uma experiência apreciativa/ estética com o fenômeno esportivo. Feres Neto (2001, p. 70) nos diz que "a imagem virtual [...] constitui-se no próprio objeto da experiência", e continua: "o mesmo parece acontecer com o esporte telespetáculo, que apresenta como um de seus aspectos mais interessantes um ´embaralhamento´ entre prática e assistência" (IDEM, IBIDEM).

Para além dos relatos dos sujeitos, cabe ainda ressaltar a necessidade de uma melhor compreensão da relação estabelecida entre o telespectador e o telespetáculo esportivo, como forma de considerar a sensibilidade do aluno e concretizar uma proposição estética na Educação Física escolar.

A recorrência dessa preocupação fundamenta-se em uma questão de acentuada importância, a atitude ética na proposição educacional. Contida na dimensão estética do telespetáculo esportivo, emerge um desafio ético para com a sociedade. Falemos então da educação estética nesse ponto como um comprometimento ético. Comprometimento este que se desdobra, buscando uma visão dialogada entre as realidades virtuais e reais do esporte atual, considerando o sujeito enquanto personagem de constantes releituras no confronto dessas

realidades, e ainda no entendimento da sensibilidade humana como escopo fundante da vivência estética do esporte.

Assim, em se tratando de apreciação do esporte como espetáculo, educação estética é uma possibilidade de sensibilizar os espectadores para uma dimensão mais crítica do esporte, pois a educação sensível

> *Nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectivo, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade. (DUARTE JR., 2001, p. 14)*

Paralelamente, Porpino (2001), baseada na concepção fenomenológica de educação, nos incita a pensar que o processo educativo não existe só espaço para aprender a pensar, mass também para aprender a sentir, e registra que "[...] há na educação todo um trabalho de educar os sentidos e a partir deles: aprende-se a ouvir, a ver, a cheirar, a degustar, a sentir, como se aprende também a lidar com a imaginação" (REZENDE apud PORPINO, 2001, p. 114).

Porpino (IDEM) ainda nos alerta para compreender que o cerne da experiência estética está na vivência de nossa corporeidade. Desse modo, o

sensível e o estético não diferem, encontrando-se enquanto sinônimos perante o entrelaçamento do sujeito com o mundo.

A esse respeito, nos reportamos a Nóbrega (2000, p. 71) para afirmar que "[...] o resgate da sensibilidade faz-se urgente, dentro de uma sociedade racionalizadora, como forma de ampliar as percepções do sujeito frente às investidas do poder dominante".

De certo, urge a necessidade de discutir a cerca da apreciação do esporte sob um viés estético para que a passividade não seja elemento integrante de uma ingênua educação visual dos espectadores do esporte. Essa ingenuidade perante o cenário espetacular cria seguidores do modelo esportivo institucionalizado pelo esquema do espetáculo, como bem define Debord (1997, p. 28) ao falar que "o mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando o mundo vivido".

Mais rica será a possibilidade de se observar o fenômeno esportivo em sua polissemia de significados. Nesse sentido, gostaríamos de pensar a imagem do esporte espetáculo como elemento problematizador do esporte porque "o destino da imagem está, pois, ligado ao acontecimento que nos leva à descoberta, ao desvelamento" (NOVAES, 2005, p. 14). O olhar do telespectador, dessa forma, pode ser uma forma de conhecer e caminhar lado a lado com o pensamento crítico-reflexivo aonde o ser espectador "é um ver que sabe ver, que inventa meios para ver cada vez melhor" (IDEM, IBIDEM).

Nessa proposição, queremos entrelaçar o encantamento das imagens ao senso crítico necessário a um bom telespectador.

> *É nesse movimento entre olhar e imagem que está o princípio do pensamento. Sem o pensamento, a imagem do mundo seria apenas um decalque do que acontece no exterior, sem nenhuma intervenção da inteligência. Com o pensamento, cria-se um mundo imaginário, que, nesse sentido, não é ficção, mas invenção do novo (NOVAES, 2005, p. 12).*

A criação de novas perspectivas a partir de um olhar cuidadoso dos fenômenos que nos cercam é um dos papéis do que chamamos de educação estética que, para fins de nossa discussão, possa fazer discernir os objetivos, as funções, e os papéis de cada interface do esporte, fazendo uma nova leitura desse fenômeno social.

Ao nos remetermos ao telespetáculo esportivo para discutir sobre a sensibilidade perante a apreciação esportiva, devemos considerar que o espetáculo é fruto da realidade na qual vivemos já que

> *Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge do espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade (DEBORD, 1997, p. 15).*

Na busca de estabelecer os necessários elos entre essas realidades esportivas, a virtual e a real, questionamos que tipo de contribuição as reflexões sobre as perspectivas de tempo e espaço; sobre o sentimento de pertencimento; sobre os modelos de beleza e sobre o imbricamento de linguagens podem trazer para o ensino do esporte na escola.

A tentativa é de compreender como nos é apresentado o telespetáculo esportivo, para que consigamos agir perante ele. Pois, como já colocava Betti (1998, p. 146-147), "para intervir, é preciso conhecer. Se os educadores queres posicionar-se perante a televisão, devem conhecer o meio e sua linguagem. Se a Educação Física quer intervir no campo do esporte, precisa conhecer os fundamentos do esporte espetáculo". Paralelamente, é necessário também conhecer como o telespectador se relaciona com o esporte televisivo, compreender o que sensibiliza o sujeito apreciador a partir dos apelos estéticos presentes ao longo da transmissão.

Pensamos que, de um modo amplo, ao apontarmos as quatros reflexões presentes no capítulo anterior, vislumbramos alguns elementos para problematizar o esporte no contexto escolar.

Ao refletirmos sobre os desdobramentos do telespetáculo esportivo para o campo educacional, compactuamos com Morin (2003, p. 32), ao explicitar a educação como sendo "ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para perceber o novo". Nesse sentido, a educação instaura-se como

transmissão do legado cultural historicamente acumulado pela humanidade e, também, a abertura crítica para compreender as mudanças. Esse modo de pensar também pode ser remetido ao esporte, enquanto fenômeno que se modifica continuamente, que ainda desvenda facetas a serem refletidas em sua constante reconstrução.

Ao abordarmos o telespetáculo esportivo, a partir de uma dimensão estética, buscamos a problematização desse fenômeno como possibilidade de ação para uma educação estética. Buscamos entender como se dá a comunhão de sentidos em torno de uma manifestação do telespetáculo esportivo por entendermos que "a educação, portanto, é essencialmente a busca do sentido compartilhado e tecido em conjunto pelos homens, que pode ser percebido e criado por cada homem individualmente, mas ao mesmo tempo traz consigo a cultura de onde emerge" (PORPINO, 2001, p. 113).

Consideramos que a apreciação crítica do esporte é componente singular para a educação dos sujeitos/ alunos/ telespectadores que, na maioria das vezes, se tornam devotos dos deuses/ atletas. Pensamos que a reflexão estética sobre o esporte, pode corroborar para uma melhor compreensão e apreciação desse fenômeno. Assim, pretendemos contribuir para uma apreciação do telespetáculo esportivo como elemento crítico para a educação, e mais especificamente para o ensino do esporte na Educação Física.

Nesse sentido, cabe a ressalva de nosso entendimento da Educação Física "como uma prática social de intervenção imediata e que, enquanto prática humana, necessita ser teoricamente elaborada" (BRACHT, 2003, p.143).

Pensamos que, para além das mudanças ocorridas ao longo do tempo, no que diz respeito às mutações que o esporte sofreu para adequar-se ao modelo espetacular, principalmente o televisionado. Hoje, é possível afirmar que existem modos diferentes de praticar e visualizar o esporte. Desse modo, é necessário considerar que, do ponto de vista estético, o esporte pode ser interpretado de diferentes formas.

Assim, diremos que a busca pela compreensão do fenômeno esportivo televisionado no âmbito educativo encontra-se localizada entre o encantamento declarado pelo esporte e a atitude crítica necessária perante ele.

Pensamos, portanto, que existe a necessidade de uma educação que possa compreender, como discutido anteriormente, outras relações de espaço e tempo; que discuta os padrões de beleza veiculados na mídia televisiva; a sensação de pertencimento do telespectador que se agrega ao telespetáculo esportivo; bem como busque compreender as múltiplas linguagens imbricadas no aparato televisivo e suas implicações na apreciação dos telespectadores.

A nosso ver, o enfoque no ideal olímpico, ou de alta performance, trabalha em associação com apelos estéticos referendados ao esporte, mesmo que estes não sejam específicos dessa prática. Evidenciamos assim, uma ocultação dos

valores esportivos, como a sobrepujança sobre o adversário, a metrificação do tempo e do espaço do esporte vivido e a construção de realidades virtuais, por meios imagéticos e sonoros, que não correspondem à vivência do esporte cotidiano.

No entanto, apesar desses aspectos, que elegem um modelo único de esporte para ser apreciado, é possível, também na TV, desfrutar de perspectivas que fogem desse padrão.

Acreditamos que os elementos apresentados no capítulo anterior constituem aspectos possíveis de serem identificados em qualquer transmissão televisionada do esporte, tornando-se elementos que problematizam tal manifestação.

A partir desses elementos, perspectivamos um redimensionamento do entendimento sobre o esporte, inclusive com implicações para o seu ensino na Educação Física escolar.

Encontramos na própria mídia televisiva, referências distintas dos modelos que geralmente são evidenciados nas transmissões televisivas do esporte. Uma manifestação esportiva diferenciada, apesar de recriada a partir do esporte olímpico, e que, por esse motivo, nos serve de indicativo para o não aprisionamento do esporte em seu modelo de alta performance.

A transmissão a que nos referimos está inclusa no Esporte Espetacular do dia 28 de agosto de 2005, que tinha como objeto o I Campeonato Brasileiro de

Basquete de Rua. Nesta, podemos observar referências de corpo, de vestimentas e de gestualidade que se diferenciam do modelo olímpico geralmente adotado pela mídia para referendar o esporte.

A intenção de evidenciar uma nova perspectiva esportiva na mídia é dar visibilidade à polissemia de significados atrelados ao esporte, inclusive na televisão, e refletir que, mesmo na impregnação de modelos imbutidos na transmissão televisiva, ainda há espaço para se recriar a vivência esportiva.

Para nós, a manifestação do basquetebol de rua é um indício de que "não há necessidade de constituir instituições e organizações de caráter mais ou menos permanente; é possível satisfazer as necessidades da prática esportiva via grupos informais, efêmeros" (BRACHT, 2003, p. 117).

Nas cenas dessa transmissão, o que se percebe é uma nova proposição de modelo, dentre os tantos possíveis para a identificação dos grupos, esportivos ou não.

Imagem 36: Fuga do formalismo, dança para aquecer

Tomemos como exemplo os modelos das vestimentas, ou seja, a moda. Este é uma possibilidade de identificação de grupos. Ao nosso olhar, as imagens do basquete de rua analisadas se afastam, por exemplo, do ideal olímpico de uniformes.

Ainda no tocante aos modelos, os corpos que se expõem nesse contexto seguem o padrão particular desse evento. São negros em sua maioria e altos, além disso, pode-se considerar que variam entre a magreza e a robustez dos corpos.

Imagem 37: Uma estética própria do corpo

Esses elementos quebram com os modelos comumente mostrados na televisão e podem ser refletidos na escola, uma vez que servem de contra-

argumentos para própria linguagem audiovisual ao falar do esporte em sua vertente espetacular.

Ao serem colocados perante diferentes perspectivas de modelos esportivos, o aluno conseguiria formular o seu próprio. Sua forma de compreender e praticar o esporte, não pela absorção de protótipos veiculados em exaustão; seria, pois uma síntese das diferentes manifestações.

No exemplo da transmissão do basquetebol de rua, os corpos e as vestimentas exemplificam um modo de perceber de forma diferenciada o referido esporte, para além do referencial padronizado do esporte de alta performance.

Além disso, a gestualidade pertencente aos corpos dos jogadores também caminham na particularidade desse evento, mostrando-se nas imagens dos praticantes um modo acrobático e pouco preocupado com a técnica comumente aceita para esse esporte, divergindo, portanto, da concepção de basquete oportunizada pelas imagens dos padrões olímpicos desse esporte.

Imagem 38: A técnica criativa do basquetebol de rua.

O que destacamos nessa manifestação é uma deflagração da técnica enquanto "modo de fazer" não estagnada, abrindo-se para a criação no momento do jogo. Acreditamos que esse fato chama a nossa atenção enquanto telespectadores, porque "o que apreciamos é aquilo que transcende a esfera do mero preenchimento das regras. Ou ainda, aquilo que surpreende enquanto as regras são seguidas" (WELSCH, 2001, p. 153). Esse comentário também vale para uma configuração diferenciada apresentada pelo jogo apreciado, em que cada time é formado por quatro componentes e pode ser realizado em rua asfaltada, ou seja, uma adaptação que também aponta para o redimensionamento das vivências do tempo e do espaço, para além da vivência do esporte regido pelas regras oficiais.

As cenas apreciadas nos faz perceber que o esporte não necessariamente tem que caminhar pelos cânones oficiais e que é possível a abertura à descoberta de novos formatos, até mesmo na transmissão televisiva em que o formato do esporte de alta performance prevalece.

As relativizações do tempo e do espaço esportivo e, portanto, das regras do esporte, podem ser reconstruções não só na sua projeção televisiva, mas na vivência do esporte, desde que as novas construções também impliquem na

compreensão de que se busca com isso a formulação conjunta do espaço e do tempo próprios de cada grupo que pratica o esporte, partindo da realidade e dos objetivos propostos pelo mesmo.

Ao retornarmos à transmissão, também encontramos associados a esse modo de conceber e praticar o basquete, elementos como o Grafite e o Hip-hop como componentes da manifestação transmitida, agregando linguagens diferenciadas para caracterizar uma estética própria do evento.

Imagens 39 e 40: Grafite e Hip-hop no basquete de rua

Esses elementos constituem um cenário diferenciado no esporte. Engendram uma forma mais lúdica que é capaz de dialogar com outras linguagens (a sonora e a visual, por exemplo), fazendo o evento esportivo encantar por seu despojamento.

O sentimento de pertencimento oportunizado nessa transmissão, que é balizado pela experiência apreciativa do telespetáculo esportivo, favorece à problematização de como o fenômeno esportivo pode agregar os mais diferentes sujeitos, caracterizando uma prática que não se centra na seletividade dos indivíduos que a integram.

Esse modo de pensar indica que a construção do esporte enquanto manifestação excludente ou acessível aos mais aptos é apenas uma faceta do fenômeno esportivo e não a única ou mais emblemática para o entendimento do esporte.

Diante do referencial do basquete de rua apreciado, podemos pensar que não só o esporte como espetáculo ou de alta performance atrai, tem poder de comoção ou é capaz de agregar sujeitos em seu entorno, mas também outras manifestações esportivas, mesmo as não olímpicas (como é o caso).

Imaginamos que em qualquer rua ou escola sempre haverá crianças e jovens que, além de jogar, observam, torcem e vibram com os lances do seu jogo esportivo. Isso acontece porque faz parte do êxtase esportivo essa manifestação de júbilo ao que se gosta. Sendo claro que assim também se pratica o esporte, que

assim também se compreende o esporte e que, principalmente, assim pode-se aprender o esporte enquanto elemento cultural construído coletivamente.

Esses e outros olhares no conjunto das imagens nos mostram que a estética do telespetáculo esportivo não só é aberta à interpretação do telespectador, mas também mutante em sua essência, o que é entendimento chave para a abordagem do esporte na escola.

As reflexões sobre o telespetáculo esportivo supracitadas podem fazer-nos entender que o esporte não deve privilegiar um pequeno grupo de "atletas" com padrões técnicos acima do nível da escola para abrir mão da grande quantidade de alunos que por ele se interessam.

Pode, igualmente, fazer perceber que existem outros modos de vivenciar o esporte que não a prática, na maioria das vezes calistênica, dos gestos técnicos que o caracterizam. Ver um treinamento; apreciar um jogo pela TV; conversar com atletas profissionais e amadores; ler crônicas, poesias e reportagens sobre acontecimentos esportivos; escutar a narração de um jogo pelo rádio...

Com respaldo no diálogo com os participantes do mini-curso "Esporte, televisão e educação" podemos perceber que todas estas são formas legítimas de fazer com que os alunos tenham acesso ao mundo esportivo e se sintam pertencentes ao evento. Estas são formas, ainda pouco exploradas, de abordagem da gama de conhecimentos que se encontra atrelada a essa manifestação da cultura de movimento.

Indicamos a abertura à diversas linguagens para a tematização das manifestações da cultura de movimento, já que esta não é área exclusiva da Educação Física e que, exatamente por esse motivo, tenha vertentes para além do que vem sendo considerado atualmente por nossa área de formação. Nos seus diálogos com a Arte, com a mídia, com a literatura, dentre outras, as manifestações da cultura de movimento abrem possibilidades para que abordemos construções culturais menos fragmentadas, incitando diálogos das áreas para o enriquecimento do conhecimento sobre as práticas corporais.

Inegavelmente deflagrando o conhecimento sensível do corpo sobre essas práticas, queremos dar visibilidade às novas formas de apresentação das manifestações da cultura de movimento, em especial ao esporte, no ambiente escolar para que sua tematização fuja da ingênua compreensão de que a vivência de sua prática ou a simples assistência de sua transmissão garantem seu entendimento completo.

Abertos às diversas linguagens e comprometidos com suas implicações na percepção do aluno, nos inscrevemos na proposição de uma educação que se comova com a sensibilidade humana.

Para um sempre recomeçar...

A telepresença é presença sensível [...] O corpo ausente se presentifica, se amplifica, se multiplica lá onde não mais podemos surpreendê-lo. O movimento do corpo solitário se vê pelo corpo do ausente, espectro capaz de diálogo corporal. Gesto reconstituído, corpo remontado em locais outros, outros reconstituídos no monitor frio e o calor do saber-se com (MEDEIROS, 2005, p. 170).

O nosso investimento estético sob o telespetáculo esportivo não se propõe como conclusivo e explicativo. Ele busca sim a compreensão da relação estética estabelecida na apreciação do telespetáculo esportivo.

Os indicativos elencados para subsidiar a discussão são possibilidades vislumbradas por nós, a partir de nossa experiência estética, e que também não se

propõem como únicos. Admitimos, assim, a abertura à significação que o telespetáculo oportuniza e colocamos neste trabalho a nossa contribuição.

Identificamos aí a limitação do estudo, ao admitir o não abarcamento da inteireza de nosso objeto de estudo, por duas razões: primeiro por não acreditarmos que um único olhar e/ ou uma única abordagem possa dar conta de uma compreensão plena de qualquer que seja o fenômeno estudado, e posteriormente pela própria natureza de nossa proposição que se sedimenta na incompletude, na abertura, no devir e na ressignificação constante a partir da experiência estética.

O que buscamos argumentar nestas páginas, a partir do diálogo com os participantes do mini-curso, da apreciação das transmissões televisivas e a criação dos eixos de discussões para a compreensão da relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador e, portanto, entre esporte e estética, é a problematização, a compreensão ainda que não conclusa. Entendemos que o sentido do pertencimento; as referências de espaço e de tempo; o imbricamento de linguagens e os modelos de beleza podem servir para tematizações pedagógicas sobre o conteúdo esportivo na escola. No entanto, deve-se atentar para sua natureza reflexiva, capaz de remeter ao telespectador/ aluno a outras significações que podem, inclusive, divergir daquelas aqui expostas, pois só assim seremos coerentes com o que entendemos como educação estética.

No sentido de dar eco à discussão proposta neste trabalho, esperamos que:

- Os núcleos de reflexão que aqui discutimos se constituam desencadeadores de uma olhar mais atento à transmissão esportiva e que possam ser dialogados com as diversas impressões em ambiente escolar.
- A apreciação do telespetáculo esportivo não seja apenas analítica, que não busque apenas esquadrinhar os elementos audiovisuais ou quantificar o tempo de transmissão.
- A apreciação do esporte televisionado seja entendida como possibilitadora de estesia, de um envolvimento sensível com o mundo, também virtual nesse momento, que se propaga por todo corpo através da experiência sinestésica.
- Nossos alunos sejam desejantes e fascinados pelo esporte, real e virtual. Que por seu fascínio não percam sua criticidade e que por sua criticidade não percam sua sensibilidade. Desejamos que eles se permitam envolver com o esporte televisionado, mas que ao mesmo tempo tenham consciência que esse envolvimento pressupõe uma co-dependência entre ambos e que, portanto, é possível modificações infinitas entre as partes que compõem essa relação.

São nessas esperanças que depositamos nossos esforços, acreditando que, ao apreciar o telespetáculo, o sujeito não só pode observá-lo... Ele pode habitá-lo... Transcendê-lo... Porque

> *Viver com qualidade exige esse redimensionamento, num mundo de imagens saber se posicionar; num mundo que se guia pelo efêmero ter referências significativas para preservar a identidade, não reduzindo o mundo da sensibilidade à realidade virtual dos objetos cibernéticos, não fazendo do corpo uma prótese ou outdoors, mas considerando sua linguagem sensível (NÓBREGA, 2005, p. 84).*

É partindo desse posicionamento, diante do que é visto, que pensamos numa educação estética perante o telespetáculo esportivo que implique em novas atitudes, novas posturas...; para que o inebriamento proposto pela televisão envolvendo o esporte não seja motivo de anestesia dos sujeitos envolvidos.

Foram inquietudes simples que nos fizeram buscar o entendimento do sujeito com o espetáculo esportivo televisionado. As questões até aqui apontadas e discutidas demandam questionamentos outros. Abrem-se frentes para a formulação de uma vasta agenda de pesquisa sobre a sensibilidade humana; sobre o ensino da Educação Física; ou sobre o telespetáculo esportivo enquanto manifestação cada vez mais evidente no cotidiano.

Certos de que o debate não se encerra neste momento, acreditamos que o investimento na temática que aqui dissertamos deva ser aprofundado no tocante à relação estesiológica do homem com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999) considerando as realidades virtuais como cenário dessa relação.

Ao pensarmos a cultura de movimento enquanto uma construção cultural, devemos admitir sua entrada e posterior evidência em ambientes virtuais, compondo assim novos formatos para sua compreensão. Desses formatos demandam novas formas e possibilidades na relação homem-mundo, criam-se pseudo-extensões do corpo (próteses) que nos fornecem novas formas de ter acesso ao conhecimento.

> *O que agora chamamos de realidades virtuais têm um caráter especial porque estão associados com a tecnologia moderna, e são projetadas para envolver muitas das nossas dimensões sensórias, e idealmente todas as dimensões possíveis (MATURANA, 2001, p.191)*

Acreditamos que a relação corporal com outras realidades virtuais também é estesiológica. No entanto, existe uma mudança na forma do sujeito sensibilizar-se conforme o aparato de construção da realidade virtual que se apresenta.

Amplia-se aí a compreensão da vivência das manifestações da cultura de movimento, modifica-se a compreensão de mundo-vida do sujeito e reconstrói-se a sua forma de perceber o que lhe cerca.

Acreditamos que esse é um desafio de compreensão que alerta para o esgarçamento das possibilidades de envolvimento com as mais diversas práticas corporais, dentre elas o esporte.

CATEGORIAS		PART			
		01	02	03	04
QUESTÃO I – Como os participantes consideram importantes os conhecimentos sobre a televisão e o esporte televi Física escolar?					
I.1	Contribui para a desmistificação do telespetáculo esportivo	X	X		X

Inscrevemo-nos na discussão que iniciamos nestas páginas com o desejo de darmos continuidade a mesma em outros momentos, para que possamos investigar outras formas de relação do homem com o mundo, relação esta compreendida a partir do aparato corporal do sujeito, sua condição de existência.

I.2	Auxilia no entendimento das diferenças existentes entre ao telespetáculo esportivo e o esporte escolar	X	X	X	X
I.3	Contribui para a consideração da leitura do telespetáculo como desencadeador do entendimento do esporte	X		X	X
I.4	Auxilia à uma compreensão crítica do telespetáculo esportivo	X	X	X	
QUESTÃO II – Como os participantes entendem a importância da discussão estética como forma de problematizar espaço escolar?					
II.1	Consideram importante a discussão estética por considerar a sensibilidade dos alunos		X	X	X
II.2	Consideram importante a discussão estética por exercitar a apreciação do telespetáculo esportivo	X	X		
II.3	Consideram importante a discussão estética por possibilitar novas possibilidades de perceber o esporte	X	X	X	
QUESTÃO III – Como os participantes consideram possível abordar o telespetáculo esportivo televisionado na esco aluno?					
III.1	Partindo do fascínio dos alunos pela televisão, considerando a experiência apreciativa de cada sujeito.	X	X	X	X
III.2	Confortar as realidades – virtual (televisão) e real (esporte escolar).	X	X	X	
III.3	Considerar aspectos positivos e negativos da televisão		X	X	
III.4	Fazer leitura técnica das imagens transmitidas				X
III.5	Debater o discurso televisivo	X		X	X
III.6	Considerar o telespetáculo esportivo como referência do trabalho do esporte na escola.	X	X	X	

Quadro 1 – Os discursos sobre a estética e telespetáculo esportivo em espaço escolar•.

• Tabela elaborada a partir dos discursos dos participantes do Mini-curso "Esporte, televisão e educação", ocorrido dentro da programação do II Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física.

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA
Divisão de Serviços Técnicos

Araújo, Allyson Carvalho de.

Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola / Allyson Carvalho de Araújo. – Natal, 2006.

178 f. il.

Orientadora: Profª. Drª. Karenine de Oliveira Porpino.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Educação Física - Tese. 2. Telespetáculo esportivo – Tese. 3. Telespectador – Tese. 4. Escola – Tese. 5. Esporte – Tese. I. Porpino, Karenine de Oliveira. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA CDU 796.4 (81)

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo